



PROFHISTÓRIA

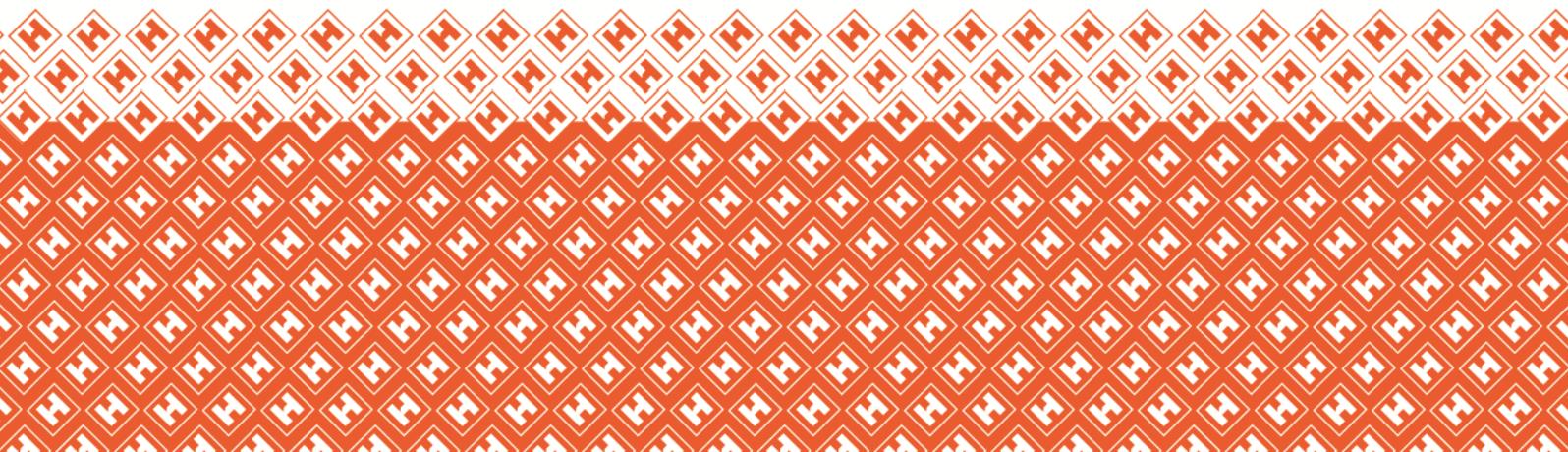
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

IRACEMA SILVA AMORIM

**Futebol e política não só se discute como se estuda:
o futebol como mediação pedagógica
para o ensino de História**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

Junho/2022



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UESB

Iracema Silva Amorim

**Futebol e política não só se discute como se estuda:
o futebol como mediação pedagógica para o ensino de História**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/Uesb, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas - Produção e Difusão.

Orientador: Prof. Dr. Belarmino de Jesus Souza.

Vitória da Conquista – Bahia
Junho de 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

A543f

Amorim, Iracema Silva.

Futebol e política não só se discute como se estuda; o futebol como mediação pedagógica para o ensino de história. / Iracema Silva Amorim, 2022.

64f. il.

Orientador (a): Dr. Belarmino de Jesus Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2022.

Contém guia de apoio pedagógico

Inclui referência F. 59.- 63

1. Ensino de história – Futebol e Política. 2. Futebol e história. 3. Aprendizagem histórica. 4. História pública. I. Souza, Belarmino de Jesus. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de história- ProfHistória. III. T.

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista -BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Iracema Silva Amorim

**Futebol e política não só se discute como se estuda:
o futebol como mediação pedagógica para o ensino de História**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória/Uesb, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Belarmino de Jesus Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Orientador - UESB)

Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Jorgeval Andrade Borges

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Data da aprovação: 06 de junho de 2022

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Catharina e Caíque, pelo apoio incondicional, ajuda constante e pela alegria, brincadeiras e risos de todas as horas. Ao meu querido pai (*in memoriam*), por todo ensinamento, incentivo nos estudos e pelo amor ao futebol que nos transmitiu, sendo nossos momentos de cumplicidade assistir aos jogos do nosso time. E à minha irmã Adriana, que me amparou e ajudou com tanto carinho durante todo o processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente pela oportunidade incrível que foi vivenciar este Mestrado.

Agradeço aos meus pais, pelo incentivo constante aos estudos, e ao meu pai, em especial, pelo amor ao futebol. Agradeço aos meus filhos, pela beleza da nossa cumplicidade. À minha irmã Adriana, que não só me incentivou como me ajudou durante todo o percurso, em especial no momento mais difícil.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Belarmino de Jesus Souza, pela parceria, cuidado, incentivo, motivação, por não ter me deixado desistir e por não desistir de mim. Sem o seu cuidado e carinho eu não teria conseguido.

Aos professores que compõem a banca: Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras e Prof. Dr. Jorgeval Andrade Borges, pelas preciosas contribuições na minha qualificação.

A todos os professores e professoras do curso, que com suas aulas, acolhimento e sugestões, nos orientaram de forma suave e motivadora.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), em seu núcleo do *campus* da UESB de Vitória da Conquista/Bahia, nas pessoas da Profa. Dra. Isnara Pereira Ivo e Profa. Dra. Grayce Mayre Bonfim Souza, por todo profissionalismo, humanidade e dedicação com que encararam esse desafio. À querida Fabíola Novais, secretária do programa, por ser sempre acolhedora, por sua gentileza e simpatia, além do profissionalismo com que sempre atendeu a nossa turma.

Aos meus colegas de curso, pelos socorros imediatos, pelas trocas de material, incentivos constantes em todas as disciplinas. Vocês tornaram a caminhada mais leve e agradável; em especial à minha querida companheira de orientação Dani, agradeço por todo carinho e cuidado, trocas e constante motivação, uma amizade que começou no mestrado e levarei para a vida.

Agradeço ao meu grupo *Futebolidades*, que também me ajudou com material sempre que precisei. À escola em que trabalho, Centro Territorial de Educação Profissional – CETEP/VCA, por toda parceira e incentivo; e, não menos importante, aos meus amadinhos e amadinhas, cujos comentários futebolísticos sempre rendiam boas discussões em nossas aulas.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, participaram dessa jornada, minha mais profunda gratidão.

*Mestre não é quem ensina, mas quem
de repente aprende.*

João Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o futebol como tema gerador para as aulas de História. A proposta é apresentar a viabilidade de temas atrativos e presentes no cotidiano dos discentes, a fim de potencializar o aprendizado e mobilizá-los em sala de aula. O sistema teórico-metodológico escolhido para o estudo é a Nova História Política. A Educação Histórica de Peter Lee, a Didática Histórica, principalmente com os estudos de Jörn Rüsen, e a História Pública, com a abordagem dos estudos de Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai, também foram analisados por dialogarem e por contribuírem com uma visão pedagógica, em que os conhecimentos prévios dos estudantes são valorizados. Para o tema futebol, a pesquisa recorre aos autores Richard Giulianotti, Roberto DaMatta, Euclides de Freitas Couto, Livia Magalhães, entre outros. Como solução mediadora de aprendizagem, o produto é a confecção de um Almanaque, com eventos do mundo do futebol relacionados aos conteúdos substantivos do ensino de História, visando a auxiliar professores e professoras nas aulas desta disciplina. O recorte temporal são três períodos republicanos: a Era Vargas, o Populismo e a Ditadura Empresarial-Militar.

Palavras-Chave: Ensino de História. Futebol e Política. Futebol e História. Aprendizagem Histórica. História Pública.

ABSTRACT

This research objects to study “Soccer” as a generator theme for History classes. The proposal is to present the feasibility of attractive themes present in the students daily lives in order to enhance learning and mobilize them in the classroom. The theoretical-methodological system chosen is the New Political History. Paul Lee’s History Education studies, Historical Didactics theory, by Jörn Rüsen as well as Juniele Rabêlo de Almeida and Marta Gouveia de Oliveira Rovai analyses, are also used here for contributing with a pedagogical vision, in which the students' prior knowledge are mainly considered. Soccer theme approach is structured in Richard Giulianotti, Roberto DaMatta, Euclides de Freitas Couto and Livia Magalhães, among others authors studies. As a learning solution, the product is an original Almanac, mixing up Soccer events and substantive contents of History teaching, aiming, in this way, to help teachers in their classes. The temporal cut falls into three republican periods: the Vargas Era, Populism and the Business-Military Dictatorship.

Keywords: History Teaching. Soccer and Politics. Soccer and History. Historical Learning. Public History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DOI-CODI	Destacamentos de Operação Interna - Centros de Operações e Defesa Interna
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EUA	Estados Unidos da América
ETA	Pátria Basca e Liberdade (Euskadi Ta Askatasuna)
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IPES	Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
MPB	Música Popular Brasileira
OBAN	Operação Bandeirante
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Aquecimento

1 INTRODUÇÃO	11
---------------------------	----

1º tempo: começa a partida

2 A HISTÓRIA DENTRO DE CAMPO: PROBLEMATIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS JOGADAS (PRÁTICAS) EDUCATIVAS	15
2.1 Ensino de História: uma outra tática de jogada para driblar a defesa dos alunos	16
2.2 Educação Histórica: contextualização e possibilidades de ensino	18
2.3 Futebol e ensino de História: uma tabelinha que pode dar certo	25

2º tempo: rola a bola

3 ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO FUTEBOL COMO CONTRA-ATAQUE (RECURSO) DIDÁTICO	28
3.1 Bate-bola inicial: futebol e política não só se discute como se estuda	28
3.2 Futebol e política entram em campo juntos	34
3.3 Democracia corinthiana: um chapéu dentro da área do regime militar	45

Prorrogação

4 DRIBLANDO AS ADVERSIDADES	50
4.1 Uma proposta de intervenção do ensino de História através de lances do mundo do futebol para ganhar o jogo	51
4.2 Olho no lance: Almanaque do Futebol e do Ensino de História	52

Apito final

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE: ALMANAQUE	62

1 INTRODUÇÃO

A experiência pedagógica tem revelado, ao longo do tempo, que o ensino é uma atividade de mediação para promover o encontro formativo entre o discente e a aprendizagem. Configura-se também como um processo onde se constrói, reconstrói, se elabora e reelabora o conhecimento. Com o ensino de História não é diferente. Ao longo dessa caminhada chamada docência aprendemos, entre outras coisas, que a empatia é um ponto crucial no processo de ensino-aprendizagem, pois verificamos que o distanciamento entre os sujeitos imbricados nesse processo dificulta a comunicação, comprometendo o interesse que se pretende despertar nos discentes e, conseqüentemente, a aprendizagem. Aprendemos, ainda, que a História vinda do cotidiano parece nos mobilizar mais que a erudita.

Dito isto, é possível observar que o desafio da docência passa por reconhecer a relação entre ela e a sociedade, e que essa relação gera aprendizagem histórica. Passa, também, pela atenção dada ao conhecimento que o aluno traz do meio familiar, da sua comunidade e principalmente das mídias, para que não se cometa o erro de ignorar ou menosprezar esse conhecimento que o discente carrega consigo. Cabe a nós, professores e professoras, colaborar com a ressignificação desse conhecimento para que o estudante possa transformá-lo de senso comum em conhecimento histórico, visto que, como destaca Jörn Rüsen (2015), a consciência histórica – essa operação mental da relação entre passado, presente e futuro – todos possuímos.

Minha paixão pelo futebol começou desde cedo. Na infância assistia com meu pai aos jogos do nosso time, conhecido como time do povo. Minha casa era uma espécie de ponto de encontro da família para assistir futebol, tanto aos domingos como em época de Copa do Mundo, que aqui no Nordeste se mistura com os festejos juninos. Enfrentei alguns preconceitos nesse campo, por ser mulher e gostar, acompanhar e entender de futebol.

Já lecionando e indo trabalhar com a camisa do meu time, percebi como os estudantes se aproximavam de mim, como desenvolvíamos uma relação horizontal e, sempre antes de começar a aula, comentávamos os jogos da rodada. Percebi, ao longo dos anos, que o assunto futebol melhorava o relacionamento e a socialização em sala de aula, e nos últimos anos observei também um crescente interesse das meninas. Na sala dos professores não era diferente, as colegas começaram a ir trabalhar com as camisas de seus times de coração, além de comentar as partidas na hora do intervalo. Estávamos ocupando também esse espaço, antes tão hegemonicamente masculino.

Mas, o que isso tudo tem a ver com o mestrado profissional em História? Muito. Muitos assuntos da História do Brasil e do mundo se entrelaçam e, se bem analisados, “batem um bolão”.

Investigando o repositório das dissertações do ProfHistória, encontramos três trabalhos com esse mesmo objeto de pesquisa. A mais recente, defendida em 2021 por Léo Barbosa Ribeiro, com o título “*O futebol como recurso pedagógico no estudo da ditadura civil-militar em sala de aula*”; o de Mainnã Zago, “*Bola rolando: elaboração e execução da oficina de História ‘Futebol no Estado Novo’*”, defendida em 2019; e a de Tarik de Almeida Abraham, com o título “*Na cara do gol: usos e potencialidades pedagógicas da História do Futebol para o ensino de História*”, defendida em 2018. Nosso objetivo é propor o uso de episódios envolvendo o futebol como forma de mediação metodológica para atrair os estudantes nas aulas de História. Sendo este um mestrado profissional, que requer um produto final que poderá ser aplicado em sala de aula, nossa proposta é um almanaque com eventos do mundo do futebol relacionados aos conteúdos substantivos do ensino de História.

Uma vez detectado que alguns dos problemas do ensino de História na educação básica passam pela falta de interesse dos discentes na disciplina, por considerá-la, conforme constantes e reiteradas declarações de meus próprios estudantes ao longo de meus 21 anos de experiência, repetitiva, “decoreba”, enfadonha, incapaz de se configurar como uma representação de seu cotidiano e sem relação dos estudos com a vida, é possível compreender o que propõe Jean-Claude Forquin (1993) quando declara haver um conflito entre a cultura escolar e a cultura cotidiana. Sendo um dos papéis do professor repensar essa aprendizagem a partir da própria epistemologia da História e propor um ensino que seja significativo para o estudante, é importante conhecer esse universo e, a partir de então, buscar intervenções para promover o ensino. Ressignificar a docência é potencializar o papel da escola na atividade de conquistar o estudante para o aprendizado; se ele não está disposto a aprender, não aprende, e é urgente seduzi-lo. A História, por sua vez, encontra-se cercada de elementos que podem ser instrumentalizados enquanto recursos didáticos, e é a isso que este trabalho efetivamente se propõe.

E aqui se dá o apito inicial: a elaboração de um material didático idealizado a partir da relação entre a política e o futebol, num contexto de ensino de História. Mas, por que futebol?

Pensemos: qual professora nunca chegou em sala de aula numa segunda-feira pela manhã e se deparou com acirradas discussões e entusiasmados comentários sobre a rodada do fim de semana? Qual professora nunca presenciou deboches e provocações entre a garotada

com os resultados das partidas ou ainda viu seus educandos com seus uniformes, ou “mantos sagrados”, por cima da farda? E essa mesma professora, nesse momento, não pensou no quanto desejava que aquela paixão ali expressa fosse minimamente aplicada em suas aulas? Admitamos, essa é a realidade na qual estamos inseridas, nas salas de aula mais diversas de qualquer canto do nosso país, seja uma tradicional escola particular das grandes capitais, seja em pequenas e precárias escolas da zona rural do interior do país. Partindo dessa constatação e do diálogo com as propostas contemporâneas da Educação Histórica, está sendo desenvolvida nossa “tática de jogo”.

Com o intuito de promover uma análise de possíveis formas de utilizar os acontecimentos do mundo do futebol que envolvam conteúdos substantivos da História, a presente dissertação é dividida em três seções, além desta introdução. Os capítulos foram nomeados com jogos de palavras remetendo ao universo linguístico do futebol.

Em se tratando de decisões discursivas, neste momento é importante registrar que, em consonância com as atuais discussões e práticas a respeito da representatividade feminina nas enunciações que até aqui têm priorizado o uso do gênero masculino para se referir a pessoas de ambos os gêneros, e apoiada no fato de que a grande maioria dos profissionais da educação básica são do gênero feminino¹, no corpo deste trabalho será utilizada a palavra “professora” para tratar de professoras e professores. Admitimos que este é um ato político deliberado, pois acreditamos que a pesquisa acadêmica e a produção de conhecimento devem ser espaços de problematização de práticas tradicionais e de proposição de novas formas de pensar e, sobretudo, de agir. Deste modo, no corpo desta dissertação, onde estiver escrito “professoras”, favor entender que se trata de professoras e professores.

De volta à divisão das seções, na primeira delas, de caráter majoritariamente teórico, histórico e bibliográfico, intitulada de “A História dentro de campo: problematizando o ensino de História e suas jogadas (práticas) educativas”, são apresentados conceitos relacionados ao ensino de História, abordando o conceito de História Pública e de Educação Histórica, investigando os principais desafios metodológicos da prática docente desta disciplina. Apresentam-se, neste capítulo, especulações, diálogos epistemológicos e debates sobre a principal característica que inspira este estudo, qual seja, o desafio de tornar o estudo de História uma experiência interessante e plena de sentido para os estudantes.

¹ Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), 80% dos docentes do ensino básico são mulheres, consoante dados colhidos em 2019. (CNTE, 2019, s.p.).

O segundo capítulo, por seu turno, apresenta uma discussão sobre as evidentes relações entre o futebol e a política, trazendo como exemplo a utilização do futebol por governos numa prática similar à “política de pão e circo”², entre outras questões relacionadas ao tema. Nesse capítulo são apresentadas informações sobre a história do futebol, além de serem observadas as principais relações entre eventos futebolísticos e fatos históricos passíveis de serem utilizados na elaboração de estratégias metodológicas para a apresentação e sensibilização das turmas para os assuntos a serem trabalhados em sala de aula. O sociólogo do futebol Richard Giulianotti (2002), o antropólogo Roberto DaMatta (1996), o historiador Hilário Franco Junior (2007), o ensaísta e pesquisador José Miguel Wisnik (2008), Joel Rufino dos Santos (1981) contribuem com diferentes abordagens, dados e leituras sobre os diversos aspectos do futebol enquanto prática sociocultural.

Por fim, a terceira seção corresponde ao produto, qual seja, o “Almanaque do Futebol e do Ensino de História”, um material didático que tem por finalidade apresentar dados históricos, conceitos, informações, reflexões e propostas de abordagem metodológica para o ensino de História, numa linguagem acessível, divertida e inspiradora. O almanaque tem como diferencial o fato de ser um material cujo público-alvo são professoras e também estudantes de História.

Antes de finalizarmos esta introdução, uma observação: optamos por utilizar no título da pesquisa a frase “futebol e política não só se discute como se estuda”, por dialogar com as seguintes expressões, muito utilizadas quando se querem evitar certos debates: “futebol não se discute”, ou “futebol, política e religião não se discute” etc. Embora saibamos que a norma culta da língua exige o uso do plural quando se usa a voz passiva com verbos transitivos diretos, optamos por manter os verbos “discutir” e “estudar” no singular, concordando com o sentido implícito, e não com os termos da frase (silepse de número). Desta forma, asseguramos a conexão com o referido “dito popular” (pois as frases soam de forma semelhante) e estabelecemos a concordância com o termo que está subentendido: futebol e política (é uma questão) que não só se discute como se estuda.

2 “A respeito da expressão “pão e circo”, o historiador Pedro Paulo Abreu Funari (2011), em seu livro *Grécia e Roma*, evidencia o poeta satírico latino Juvenal como o “criador” dessa sentença. Essa expressão foi incorporada aos discursos dos pesquisadores modernos que defenderam a tese de manipulação do povo romano através da política implantada pelos Césares, ou seja, a distribuição de trigo, o ‘Pão’, e espetáculos públicos oficiais, o ‘Circo’. [...] Essa política ficou conhecida como a do ‘pão e circo’, em expressão cunhada [por] Juvenal e servia basicamente para manter a população pobre da cidade sob controle, submissa”. (ARAUJO, 2015, p. 30).

2 A HISTÓRIA DENTRO DE CAMPO: PROBLEMATIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS JOGADAS (PRÁTICAS) EDUCATIVAS

Uma aprendizagem de desaprender... Procuo despir-me do que aprendi. Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram. E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos. Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras. Desembrulhar-me e ser eu... (Rubem Alves, 2011)

Com as palavras de Rubem Alves começa nossa senda. A frase foi escolhida para epígrafe por representar tanto professoras como estudantes. Renovar a alma de aprendiz na estrada da docência é tão necessário quanto renovar metodologias, estratégias e conteúdos. Para os discentes que vivem em constante metamorfose, essa renovação ecoa como oxigenação em sala de aula. Sendo a História uma das disciplinas que trata de mudanças e permanências, nada mais apropriado que se reinventar e ressignificar conceitos para sensibilizar o fantástico caminho que leva ao conhecimento.

Para Sara Albieri (2011, p. 19), “podemos constatar a preocupação dos educadores não apenas com os modos de despertar o interesse dos jovens por História, mas também com o tipo de História que deve ser apresentada na vida escolar”.

Na primeira parte da primeira seção, cujo subtítulo é *Ensino de História: uma outra tática de jogada para driblar a defesa dos alunos*, buscamos pressupostos didáticos, problematizando as estratégias, e como colocá-las efetivamente em prática. No segundo tópico, *Educação Histórica: contextualização e possibilidades*, o estudo da didática histórica se mostrou relevante para esse esquema; autores como Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Peter Lee, Jörn Rüsen foram estudados por trabalharem na perspectiva de respeito ao universo do aluno e de identificar seus conhecimentos prévios:

Esse ensino de História pressupõe, fundamentalmente, que se tome a experiência do aluno como ponto de partida para o trabalho com os conteúdos [...]. É necessário também destacar que, do ponto de vista didático-pedagógico, só é relevante a aprendizagem que seja significativa para o próprio aluno. (SCHMIDT, 2012, p.54)

De acordo com as leituras dos autores supracitados, das dissertações com tema “futebol e ensino de História” analisadas no repositório do ProfHistória, e partindo da minha própria experiência, percebemos que os estudantes participam mais das aulas quando se sentem nelas inseridos; quando as aulas fazem algum sentido, isso facilita a aquisição de conhecimento.

Na terceira e última parte da primeira seção – Futebol e ensino de História: uma tabelinha que pode dar certo –, apresentamos a possibilidade de trabalhar os conteúdos substantivos de História, sem perder de vista a problematização que a disciplina requer, tendo o futebol como elemento mediador.

2.1 Ensino de História: uma outra tática de jogada para driblar a defesa dos alunos

Na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), verificamos uma nova postura valorizando um outro tipo de estudo de História, onde há ênfase para a História local, regional, cotidiana:

As propostas curriculares passaram a ser influenciadas, também, pelo debate entre as diversas tendências historiográficas. Os historiadores voltaram-se para novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à História social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever, no ensino fundamental, o formalismo das abordagens históricas sustentadas nos eventos políticos e administrativos dos estados ou exclusivamente nas análises econômicas estruturais. A apresentação do processo histórico num eixo espaço-temporal eurocêntrico, seguindo um processo evolutivo, sequencial e homogêneo, foi denunciada como produto pronto e acabado, redutor da capacidade de o aluno se sentir na condição de sujeito comum, parte integrante e agente da História, e restritivo ao discernimento da diferença entre o conhecimento histórico produzido por estudiosos e as ações dos homens realizadas no passado. Introduziu-se, na mesma época, a preocupação em desenvolver nos estudantes domínios procedimentais de pesquisa histórica no espaço escolar e atitudes intelectuais de desmistificação das ideologias, da sociedade de consumo e dos meios de comunicação de massa. (BRASIL, PCNs, 1998, p.27)

Vale ressaltar que os PCNs foram elaborados no contexto da redemocratização do país, onde ocorre a revisão e crítica dos métodos utilizados, bem como da narrativa do espaço-temporal eurocêntrico. Além disso, outros sujeitos antes excluídos foram incorporados aos estudos de História, e pesquisas no campo do cotidiano, com ênfase na história local e regional, passaram a compor o currículo das escolas. Isso representa um certo avanço para a educação básica, problematiza a história engessada que tínhamos antes, e a possibilidade de um novo ensino de História passa a ser discutido.

Keith Jenkins, historiador britânico, tem sua proposta na História repensada, onde passado e presente são coisas diferentes, existem um sem o outro; a História é um campo de forças onde as partes interessadas organizam o passado em prol de si mesmas, ela nunca é somente formulada e interpretada inocentemente, sempre serve a alguém.

“Porque, embora a esmagadora maioria dos historiadores de carreira se declare imparcial, e embora de certa maneira eles realmente consigam um distanciamento, [...] esses profissionais nem de longe estão fora do conflito ideológico [...]” (JENKINS, 2002, p. 44). Nenhum relato consegue recuperar o passado tal como foi, pois os conceitos historiográficos não são alicerces universais e sim expressões localizadas e particulares. E por alicerces podemos entender: tempo, espaço, cronologia. Alicerces conceituais também são ideológicos e para Jenkins o que determina a interpretação está na ideologia, e não só no método ou nas provas; as fontes são mudas, o historiador é que formula as perguntas. Toda História é teoria e toda teoria se posiciona. Histórias conectadas, um conceito que não só é importante para o estudo da História e sua historiografia, como se mostrou de suma importância para o trabalho em sala de aula; a proposta é ressignificar o estudo da História em sala de aula.

Compreender que a relação entre escola, cultura e ensino deve ser a de superar as concepções reprodutivistas, que, como diz Selva Guimarães (2010, p. 14), “reafirmou entre nós a concepção de que ensinar História não é apenas repetir, reproduzir conhecimentos eruditos produzidos noutros espaços, existe também uma produção escolar”. Superar a educação bancária apontada por Paulo Freire:

a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos a memorização mecânica do conteúdo narrado, mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em recipientes a serem enchidos pelo educador [...] nessa distorcida visão de aprendizagem, não há criatividade, não há transformação (FREIRE, 1981, p. 66).

Perceber que a mediação entre a História como disciplina acadêmica e os modos de ensinar o conhecimento histórico na sala de aula é um desafio constante.

Compreendendo que o aluno aprende no meio familiar, na comunidade local, com as mídias, e que essas são fontes importantes para o conhecimento histórico, a escola não deve ignorar nem menosprezar esse conhecimento. Cabe à professora mediar esses saberes com um procedimento diplomático, assim como propõe a História Pública: “o movimento da História Pública pretende problematizar o monopólio do protagonismo atribuído à educação escolar e à produção acadêmica na construção e na divulgação de narrativas históricas, está longe de desconsiderar a sua importância” (HERMETO, 2018, p. 19). Cabe enxergar o conhecimento prévio do aluno e a partir de então traçar estratégias pedagógicas para tirá-lo do senso comum sem bater de frente. Precisamos construir um ensino criativo, conquistar o estudante para o aprendizado. A experiência docente nos mostra que não se ensina a quem não se dispõe a aprender; é preciso compreender que descobrir estratégias para o aluno se dispor a aprender

também faz parte do nosso ofício. A professora de História precisa ser inovadora também na prática e não só na teoria; uma aula com dimensão estética não inviabiliza a dimensão crítica da disciplina, e melhora sua qualidade. E aqui começa nossa pesquisa: como o futebol faz parte do universo cultural dos estudantes, acreditamos que levar o futebol para a sala de aula como ponte para os estudos acadêmicos facilitará nosso caminho, além de torná-lo atrativo, agradável e interessante para eles.

2.2 Educação Histórica: contextualização e possibilidades de ensino

Esse campo do estudo da História ocupa-se da investigação de como os estudantes constroem o seu conhecimento histórico e qual a compreensão ou perspectiva de História eles têm. Uma preocupação que já se apresentava nas professoras da educação básica passa a ser agora também dos professores acadêmicos:

desde o início dos anos 2000 o ingresso dos termos “Educação Histórica”, que traduz uma pesquisa filiada a uma tradição inglesa e ibérica, ou “Didática da História”, ligada a teóricos alemães, tem demarcado formas distintas de entender a constituição e as configurações do campo da pesquisa em Ensino de História. (ALMEIDA NETO, 2016, p. 24).

A tão falada dicotomia historiador/professor, História ciência/ História lecionada, mais uma vez se mostra na ativa, nos fetiches discutidos por Selva Guimarães (2010), como o da cultura escolar isolada de outras culturas e o da Academia como único lugar de saber. Evidenciando uma simbiose constante dos acontecimentos e problemas da Academia e das escolas mais uma vez entrelaçadas, agora os pesquisadores mostram-se preocupados em como se dá o ensino de História na educação básica. “A história da disciplina História, na educação escolar no Brasil, tem sido objeto de vários estudos [...]. Análises de produção na área do ensino e da aprendizagem evidenciam preocupações recorrentes com o papel da História como disciplina escolar” (GUIMARÃES, 2010, p.15). A Educação Histórica é um campo de pesquisa de relação com a sala de aula e propõe pensar metodologias do ensino de História para contribuir qualitativamente com as escolas.

Pesquisas desenvolvidas na Alemanha, Inglaterra e Portugal (GAGO, 2009) deram conta de que o aluno não gosta da disciplina História, caracterizando-a como chata, enfadonha e sem sentido para a vida. Em sua visão, ficar estudando fatos do passado em nada contribuiria para sua vida no presente. A partir de então os pesquisadores buscaram entender como o

estudante pensa historicamente, como relaciona o tempo passado com o presente e como o seu conhecimento prévio poderia ser a ponta de lança para o ensino de História, com o objetivo de melhorar a qualidade da aula e para que essa disciplina viesse a ser interessante e fazer sentido para os estudantes. Entender as ideias históricas dos nossos alunos é o primeiro passo para se iniciar a aula com o objetivo de construir uma aprendizagem a partir das narrativas da sua consciência histórica. Rüsen (2015) entende esse processo como aferição dos conhecimentos prévios, ou seja, partir desse conhecimento para se chegar às carências dos alunos, e daí se planejar a aula.

Neste ponto, Rüsen apresenta sua crítica ao que chamou “Didática da Cópia”, ou seja, a forma pela qual foi e é realizada a transposição do saber histórico científico para a forma escolar, que resultou, entre outros, no banimento dos procedimentos científicos relacionados ao processo de produção do conhecimento histórico, tais como: a forma de geração de problemas históricos a partir das carências de orientação da vida prática. (SCHMIDT, 2017, p. 62)

Verificamos que para Jörn Rüsen a experiência cultural do aluno faz parte do seu conhecimento histórico e é nesse contexto que dará sentido à história orientada em sala de aula. Ou seja, ensinar história como algo pronto e acabado sem levar em consideração o contexto e os sujeitos envolvidos, pode levar a um ensino que não irá desenvolver o que o autor considera como o mais importante no ensino de História, que é orientar para os problemas da vida prática. Para a professora portuguesa Isabel Barca, os estudantes possuem uma cognição histórica que os possibilitam desenvolver raciocínios de forma mais elaborada, para isso faz-se necessário criar condições de aprendizagem significativa em relação às vivências prévias desses estudantes:

A Educação Histórica tem se constituído a partir de uma fundamentação teórica específica, [...] os focos de investigação são: princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História, com o pressuposto de que a intervenção do professor na qualidade da aprendizagem requer um conhecimento prévio e sistemático das ideias históricas dos alunos. (BARCA, 2000 *apud* SCHMIDT, 2012, p. 23).

Autores como o inglês Peter Lee entendem a História para além do ambiente escolar, e compreendem a necessidade de expandir o processo de ensino-aprendizagem ultrapassando os muros da escola, relacionando os conteúdos ensinados com o cotidiano vivido:

A Educação Histórica propõe um estudo com a aprendizagem e o ensino de História e tem o objetivo de entender as relações que alunos e professores

estabelecem com o conhecimento histórico, com os conceitos e as categorias históricas. (LEE, 2001, p. 23)

Nesse quesito notamos uma aproximação bastante singular com a História Pública. A Educação Histórica se faz através de museus, teatros, cinema, música, televisão, internet; todo tipo de mídia ensina e forma uma consciência histórica no cidadão e nos alunos. Mais particularmente, o estudante não chega uma tábula rasa, como propôs John Locke e sua corrente filosófica empirista (COTRIM, 2013, p. 272). Nosso aluno chega em sala de aula com conhecimentos adquiridos do seu mundo familiar, congregações religiosas, mundo social e digital, e toda sua convivência se converte em conhecimento, suas ideologias estão todas presentes no debate em sala de aula. Nossa contribuição enquanto professoras é converter esse “conhecimento senso comum” em “conhecimento científico”, sem jamais desrespeitá-lo; levar o estudante a ascender intelectualmente a outro nível de conhecimento. O ambiente escolar tem um peso considerável no processo de aprendizagem, mas não é o único.

Entender a necessidade de se conhecer o universo dos alunos a fim de buscar intervenções que promovam o ensino em termos históricos, descobrir o que tem significado para o aluno e pensar essas aprendizagens da própria epistemologia da História em uma relação ensino-aprendizagem que seja significativa para os estudantes. Assim o próprio ensino de História se tornou objeto de estudo e de pesquisa da Educação Histórica.

Numa como noutra se pode dizer que há um aprendizado de duas mãos: aprende-se com o que se encontra ou com quem nos encontramos; inversamente, aprendem conosco aqueles com quem convivemos e, a partir de nossas ações concretas, produz-se no mundo vivido realidade transformada. Os processos de mediação são constantes e intercambiáveis. (SHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010, p.8)

O conceito de Didática da História em Rüsen (2015) contesta o termo como sendo apenas um conjunto de conhecimentos que tentam transformar historiadores em professores da educação básica. Ao contrário, preocupa-se com a aprendizagem, com o “como” se aprende. Disciplina com método de pesquisa próprio e campo autônomo, seu lema é: se sabemos como se aprende, saberemos como ensinar; o elemento nuclear da prática docente é a aprendizagem como ponto de partida e orientador do método. A narrativa tem uma importante função na aprendizagem histórica, é nela que se dá o desenvolvimento de operações mentais do pensamento histórico e a experiência do sujeito que aprende. Porém, as competências narrativas dos estudantes não podem ser consideradas como objetivos pedagógicos ou estratégias de adaptação de conteúdos. Os alunos produzem suas narrativas, que expressam suas consciências

históricas como forma de expressão do passado e orientação temporal em seu cotidiano. A narrativa se torna então a face material da consciência histórica.

Aprender História não é só reter informação ou decorar, aprender História é viver, é mobilizar o que Rüsen (2015) classificou como quatro operações primordiais: experimentar, interpretar, orientar e agir. Articular passado, presente e futuro, isso é viver. A escola deve potencializar o desenvolvimento das quatro habilidades, a saber: tradicional, que a criança aprende com a moralidade da família; exemplar, que é se orientar por regras extraídas do passado; genética, que é desenvolver habilidades do pensamento histórico para que os estudantes convivam em ambiente de alteridade; e crítica, pela qual se alcança a autonomia do pensamento. Assim, o professor tentará mediar os conhecimentos prévios e elevar a consciência do estudante, onde se espera que ocorra uma mudança no ponto de vista conceitual da consciência ingênua para a consciência crítica. Aprendizagem histórica é uma capacidade de pensar historicamente; sua teoria se preocupa em como os seres humanos vivem, pensam – é uma teoria do pensamento histórico – e a partir de então construir um humanismo intercultural. A matriz conceitual de Rüsen é discutir as relações entre o saber histórico e a vida prática, entender as carências de aprendizagem dos alunos e relacioná-las à vida prática, abandonando a ideia de que aprender História é acumular conhecimento.

Não há forma alguma de vida humana na qual uma relação interpretativa com o passado deixe de desempenhar um papel importante na orientação cultural de cada agir e sofrer presentes. Sempre e por toda parte os homens necessitam referir-se ao passado, a fim de poder entender seu presente, de esperar seu futuro e de poder planejá-lo. Se quisermos resumir em um só conceito as atividades mentais que correspondem à interpretação do passado, à compreensão do presente e à expectativa do futuro, dispomos de diversos termos, que se apresentam como “termos técnicos”. No espaço de língua alemã, concorrem entre si os conceitos de memória histórica ou lembrança histórica, de um lado, e o conceito de consciência histórica, de outro. (RÜSEN, 2015, p.37)

Peter Lee se destacou no estudo da aprendizagem como conhecimento ou pensamento histórico e seu principal questionamento está expresso em: “por que aprender História?” (LEE, 2011). Lee entende a vivência escolar como o ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento histórico, ele alega que a escola tem o dever de trabalhar com o passado para que o aluno possa entender as mediações das narrativas, a fim de aprender a pensar historicamente. A História deve explicar como as mudanças sociais acontecem, o passado fornece concreticidade aos nossos conceitos e muitas vezes é a nossa referência para o conhecimento.

Lee também é criador do conceito *literacia histórica*, entendendo que o “conhecimento não deve ser inerte, mas deve agir como uma parte da vida do aprendiz” (LEE, 2006, p. 3). Faz-se a divisão dos conteúdos em substantivos e de segunda ordem, chamando de conceitos substantivos o que Jörn Rüsen chamou de históricos. Assim, por *literacia histórica* entendem-se as práticas metodológicas que visam a desenvolver o pensamento histórico, compreendendo as ideias dos estudantes sobre a disciplina e como se dá tal orientação em direção ao passado e, a partir daí, acessar essa relação com o presente e o futuro. É a capacidade de ler o mundo historicamente a partir de três dimensões: experiência, interpretação e orientação. Conteúdos substantivos são o que chamamos de conteúdos escolarizados ou assuntos; já conteúdos de segunda ordem seriam os conceitos próprios da epistemologia da História, que levariam o estudante a entender a disciplina História ou melhor ressignificar os conteúdos substantivos, através de evidência, empatia, consciência histórica, inferência, interpretação, narrativas, fontes históricas. A mesma história pode ser contada sob diferentes perspectivas, ou História multiperspectivada. Em resumo, os conceitos substantivos são os que se referem aos conteúdos da História, e os conceitos de segunda ordem são os que se referem à natureza da História como explicação, interpretação, compreensão.

Conceitos disciplinares, de segunda ordem, tais como mudanças e evidências, [...] estão envolvidos em qualquer História, qualquer que seja o conteúdo. Outros conceitos, como comércio, nação, protestante, escravo, tratado ou presidente, são encontrados quando lidamos com tipos particulares de conteúdos históricos. Eles são parte do que podemos chamar de substância da História e, então, é natural chamá-los de conceitos substantivos. (LEE, 2005 *apud* SOBANSKI, 2013, p. 1)

Peter Lee também se preocupou com o crescente desinteresse dos alunos ingleses pela disciplina de História e se debruçou sobre essa problemática:

Nos anos sessenta, surgiu o receio de que os alunos deixassem de estudar História, o que de facto quase aconteceu. Existia um currículo descentralizado em Inglaterra e poucos alunos escolhiam a disciplina de História. Esta assemelhava-se a um conjunto de Histórias e as crianças, quando as conheciam, não gostavam delas. Gostavam mais das Histórias da TV, dos livros, etc. Em vez de aprenderem conhecimentos substantivos sobre o passado, os alunos aprendiam “estórias”. (LEE, 2005 *apud* BARCA, 2001, p. 13)

Para Peter Lee, aprender História é transformar informações em conhecimento; assim, não se pode dissociar a aprendizagem histórica do sujeito que aprende e, principalmente, deve-se entender que não existe experiência histórica sem significado. “O conhecimento

histórico pode ser considerado como (entre outras coisas) uma experiência vicária³: ela aponta para o que pode ser esperado, enquanto que faz-se evidente que o que é esperado é, raramente, como acontece”. (LEE, 2011, p.35)

Pesquisas do chamado Projeto CHATA, no Reino Unido⁴, cujos dados foram utilizados e analisados por Isabel Barca (2001) e Peter Lee (2006), identificaram uma progressão irregular, com oscilações de níveis dos mais simples aos mais sofisticados, entendendo que os alunos apresentam noções históricas do senso comum, às vezes estereotipadas, às vezes com base no cotidiano, e concluíram que a aprendizagem histórica parte das condições históricas dos alunos.

Os alunos vão para as salas de aula com pré-conceitos sobre como funciona o mundo. Se suas compreensões iniciais não são levadas em conta, podem falhar em entender novos conceitos e informações que lhes são ensinados ou podem aprendê-los para uma prova, mas reverterem para seus pré-conceitos fora da sala de aula. (DONOVAN; BRANSFORD; PELLEGRINO, 1999 *apud* LEE, 2006, p. 5).

Outro ponto pensando pelo autor é a questão do tempo de aula da História em relação a outras disciplinas. Ciências e Matemática, por exemplo, são consideradas mais úteis que História e por esse motivo têm uma carga horária maior. Útil, aqui, refere-se a questões da vida prática e tecnológica; obviamente, nós das Ciências Humanas temos outra compreensão do termo útil, para além do tecnológico, e incluímos o estudo de História no que consideramos útil e essencial. Entretanto, com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), infelizmente a área de Ciências Sociais e Humanas vem perdendo cada vez mais espaço nas salas de aula do Brasil.

Isabel Barca, também estudiosa da Educação Histórica, trabalha muito com a questão das fontes e das narrativas históricas e sugere o trabalho com diferentes fontes, pois a História é construída em diversas perspectivas, com vários pontos de vista – o que ela vai chamar de

³ “Experiência é usada para indicar alguma coisa pessoal (mas não meramente subjetiva) e alguma coisa acumulada como que se torna mais *experienciada*. O que é adquirido não é necessariamente codificável e não dará a fórmula nem a receita para a ação. [...] Um professor experiente é capaz de ver coisas que um sem experiência iria perder e saberá com que tipo de situação terá de lidar. Um homem do mar pode saber que clima será favorável sem ser capaz de explicar como o sabe. Não há nada misterioso aqui. Muitas coisas são envolvidas: ter as concepções corretas, reconhecer exemplos, saber princípios, reconhecer condições sob as quais eles são aplicáveis, ser capaz de identificar tendências contrárias e assim por diante. Com tempo, prática e experiência, paciência, e um leque de experiências, a maioria das pessoas pode aprender o que é requerido. [...] A experiência adquirida pela História é vicária.” (LEE, 2011, p. 38-39)

⁴ Projeto CHATA – *Concepts of History and Teaching Approach* (Conceitos de História e Abordagens de Ensino) – trata da compreensão dos alunos sobre a natureza e o *status* de diferentes tipos de afirmações históricas. Um total de 320 crianças do 3º, 6º, 7º e 9º anos de três escolas primárias e seis secundárias constituem a amostra da pesquisa no Reino Unido. (BARCA, 2001; LEE, 2006).

uma História multiperspectivada. As fontes servem de instrumento para se construírem conceitos, o que comunga com as ideias de Robin George Collingwood (ARRAIS, 2009), de que o historiador seria uma espécie de detetive e as fontes seriam os relatos; fazer perguntas históricas para as fontes de forma heurística, a fim de desenvolver o pensamento histórico, que é a base da consciência histórica.

Em concordância com o pensamento de Rüsen, Barca (2001) entende que o ensino de História com o trabalho de fontes é uma experiência extremamente rica e eficiente. Vale ressaltar que, com a História de Annales, o conceito de fonte foi amplamente alargado: seria tudo aquilo produzido pela humanidade, são vestígios que ajudam na compreensão do passado, são as marcas da passagem do ser humano.

A fonte conversa com a gente e, quando dialogamos com ela, a transformamos em evidência. Interpretá-las a partir de diversos pontos de vista para perceber a nós e os outros, é o que Rüsen chamará de humanismo.

Outro conceito rüseniano utilizado por Barca (2001) é o da protonarrativa, momento no qual o aluno, com a mediação do professor, reconstrói sua consciência, elevando-a para a categoria de histórica, ou seja, faz o percurso de senso comum para consciência crítica. A professora mediadora, que antes fazia o que conhecemos como aula expositiva, nos moldes da educação bancária freiriana, hoje deve mediar o conhecimento histórico sem deixar de considerar a cultura juvenil, o que nada mais é do que entender o mundo do estudante, como já exposto anteriormente. Para a nossa pesquisa, este é um conceito muito caro, pois acreditamos que a partir da compreensão da importância de se entender essa cultura juvenil introduziremos nossa proposta de futebol aos conteúdos substantivos.

A principal contribuição de Barca (2001) será a da aula-oficina, uma proposta metodológica que visa a dinamizar a aula, superar o conceito de aula-conferência – a nossa aula tradicional, onde a professora é detentora absoluta do verdadeiro conhecimento e os estudantes são os receptores – e avançar para um novo paradigma, com aulas problematizadoras, com tarefas cognitivas, em que o conhecimento é construído em sala de aula com os educandos, valorizando suas competências.

De aula-oficina para aula-histórica da professora brasileira Maria Auxiliadora Schmidt (2017), a representante da Educação Histórica no país. Sua proposta é que a chamada aula-histórica ocorra ao menos duas ou três vezes por ano, pois demanda muito tempo, e siga os seguintes passos: levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; diversificação de utilização de fontes; multiperspectividade; e, por fim, a protonarrativa, ou expressão da

consciência histórica do aluno. A Educação Histórica acredita que, após o levantamento das carências de orientação dos alunos, serão revelados subsídios para o encaminhamento do melhor procedimento para a continuidade das aulas.

2.3 Futebol e ensino de História: uma tabelinha que pode dar certo

Brasil, o país do futebol. Essa frase tornou-se popular a partir da década de 30 do século XX. Mesmo aqueles que não “curtem” futebol entendem o peso que esse esporte tem na construção de uma identidade nacional. Quem não torce para algum time, flagra a si mesmo torcendo pela Seleção em tempos de Copa do Mundo. Ao lado da música, samba ou MPB (música popular brasileira), e do carnaval, temos elementos que de forma ampla e generalizadora marcariam a nossa formatação identitária.

Mesmo sendo uma paixão nacional, o futebol se manteve durante muito tempo distante de análises acadêmicas. Se, como entretenimento, existe uma exacerbada produção midiática, como objeto de estudo é mais recente, tanto o futebol como objeto em si, quanto na relação entre futebol e educação. Para Flávio Campos (2014), mesmo com toda relevância do futebol para a sociedade brasileira, pesquisadores ligados às Ciências Humanas relutaram em entrar no tema. Campos acredita que o livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, pode ter inibido outras discussões. Além disso, o uso da imagem do futebol e da Seleção Brasileira pela ditadura empresarial-militar, causando ufanismo, contribuíram de certa forma para o desprezo acadêmico. Sob a influência de Roberto DaMatta, uma nova geração de pesquisadores se debruçou nesses estudos, de modo que por volta de 1980 e 1990 inúmeros trabalhos de mestrado e doutorado apareceram.

A ritualização das identidades nacionais que acontece de quatro em quatro anos, a ascensão social do negro em uma sociedade racista, a consolidação do mito da democracia racial, a apropriação social e política por parte dos governos, a luta por redemocratização no país, a cultura, são temas que podem ser associados ao futebol e abordados numa sala de aula de História. Sendo assim, acreditamos que é possível aliá-los, de forma problematizadora, à nossa prática pedagógica.

O futebol como elemento mediador, estratégia ou ferramenta pedagógica aparece em três dissertações do programa em rede do ProfHistória. Defendida em 2021, a dissertação de Léo Barbosa Ribeiro intitulada “*O futebol como recurso pedagógico no estudo da ditadura civil-militar em sala de aula*”, apresenta uma proposta de trabalho em sala de aula avaliando o

futebol como instrumento com fins políticos e sua apropriação pelo regime militar; e apresenta como produto um caderno contendo a sugestão de nove atividades para serem desenvolvidas em sala de aula com o conteúdo “Ditadura Militar”.

A professora Mainnã Zago, que defendeu sua dissertação em 2019 com o título “*Bola rolando: elaboração e execução da oficina de História ‘Futebol no Estado Novo’*”, conforme o título sugere, trabalhou como estratégia pedagógica oficinas relacionadas ao conteúdo “Era Vargas”. A autora justifica sua escolha dizendo que o tema futebol aproxima os discentes da aula:

Dentre as estratégias utilizadas, adverte-se a necessidade de escapar ao modelo tecnicista, reconhecido como aula expositiva tradicional, de aproximar o conteúdo ensinado da realidade do aluno e de estimular uma atitude historiadora nos discentes. A oficina didática aqui proposta pretende contribuir no tocante a esses três aspectos, mostrando que temas corriqueiros, como o futebol, podem ser objeto de pesquisa em sala de aula e, assim, contribuir para a área da História no ambiente escolar, justamente, porque prendem a atenção dos alunos ao abordar conteúdos do seu interesse no cotidiano. (ZAGO, 2019, p. 42)

Tarik de Almeida Abrahim, com a dissertação “*Na cara do gol: usos e potencialidades pedagógicas da História do futebol para o ensino de História*”, defendida em 2018, chama a atenção para a potencialidade pedagógica do uso do futebol para aproximar os estudantes dos conteúdos curriculares, utilizando para isso a história do *Bangu Athletic Club* associada à história local.

O que percebemos em comum nos três trabalhos é a possibilidade de uso do futebol como ferramenta pedagógica de grande contribuição para o ensino de História. Como diz Ribeiro, o futebol representa uma possibilidade concreta como ferramenta pedagógica, pois o esporte, de uma maneira geral, nos dá a exata noção de como a História pode ser apropriada pelos governos (RIBEIRO, 2012, p.31).

O historiador e autor de livros didáticos Flávio Campos lançou em 2002 uma coleção para o ensino fundamental, *O Jogo da História - Planeta Futebol*, em parceria com Lídia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda, da Editora Moderna. A coleção, destinada a estudantes de 5^a a 8^a séries (na nomenclatura da época), traz os conteúdos associados a episódios ou à linguagem do mundo do futebol. De forma lúdica, os capítulos e atividades foram construídas interagindo futebol e conteúdo de história. Dizem os autores na apresentação:

Os jogos têm história, mostram-nos como era organizada a vida das pessoas há muitos anos atrás, o futebol, como tantos esportes, também tem história. Muitas, nós vamos contar para vocês, outras vocês vão contar ao longo do

livro ou vão pesquisar, perguntar para os mais velhos. É assim que desejamos que você estude História, com interesse, com vontade, como num jogo que a gente quer ganhar. Esse é o jogo da História, uma brincadeira muito séria. (CAMPOS, 2002, p.3)

Em 2012, Flávio Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff elaboraram em parceria a coleção *Jogo da História nos dias de hoje*, da Editora Leya. Tendo também como eixo norteador o futebol, essa coleção foi destinada do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, já reformulado. Na apresentação eles dizem:

Jogos de tabuleiros, de lutas, de corridas, de bolas, de linguagem, de imitação, de competição, de azar, radicais, danças, jogos de palavras, as mais diferentes sociedades humanas elaboraram jogos. O estudo da História pode se tornar ainda mais interessantes ao procurarmos entender os significados sociais desses jogos, suas regras, suas dinâmicas e seus mecanismos [...]. Essa é a proposta da nossa coleção. (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF, 2012, p.3)

Ao analisar as dissertações e as duas coleções, percebemos que existe em comum uma preocupação em melhorar a qualidade do ensino de História, sem perder de vista a problematização que a disciplina exige, porém com uma qualidade estética e lúdica que aproxime os discentes. O objetivo é tornar o ensino mais agradável, com uma maior proximidade da realidade desses estudantes. Por esse motivo, elegemos o futebol como esse mediador, esse articular entre conteúdo e ensino. Nossa proposta também pretende colaborar para isso, pois acreditamos que o futebol é um grande potencializador para as aulas de História.

3 ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO FUTEBOL COMO CONTRA-ATAQUE (RECURSO) DIDÁTICO

Foi o futebol que permitiu uma visão mais positiva e generosa de nós mesmos num plano realmente nacional e popular, como nenhum livro, filme, peça teatral, lei ou religião jamais realizou. (Roberto DaMatta, 2006)

Como nossa proposta se baseia na ideia de um processo de ensino-aprendizagem significativo e prazeroso para o nosso aluno, buscamos desenvolver nessa seção uma “jogada de tabelinha”, triangulando História, política e futebol dentro das quatro linhas que aqui chamaremos de sala de aula. Como exposto na nossa primeira seção, entendemos que para realmente significar ou ressignificar as aulas de História, faz-se urgente compreender o universo juvenil e interesses dos estudantes. Assim, concordando com a epígrafe do antropólogo Roberto DaMatta, que abre esta seção, enxergamos no futebol a contribuição de se entender a sociedade brasileira, seus dramas e conflitos, seu misto de sensações, pois o futebol faz parte da realidade dos estudantes.

Nosso objetivo é apresentar um material didático diverso, instigante, de linguagem acessível e leitura sedutora que inspire metodologias passíveis de associar o futebol com o estudo de História.

3.1 Bate-bola inicial: futebol e política não só se discute como se estuda

É bastante difícil, para dizer o mínimo, começar um tópico tratando de futebol em um estudo em História sem abordar, ainda que brevemente, sua trajetória. O senso comum e pesquisas relacionadas ao tema concordam que o futebol é considerado o esporte mais popular do mundo, um verdadeiro fenômeno mundial. Nenhum outro evento arrebatou mais espectadores ao redor do planeta, nem mesmo as Olimpíadas e suas várias modalidades. Ainda que o Brasil se rejubile com o título de país do futebol (PIZA, 2002 *apud* CAMPOS; ALFONSI, 2014) – com maior número de títulos em Copas do Mundo, único país participante de todas as edições, além de grande revelador e exportador de craques – o futebol é o primeiro esporte em várias outras nações. Países ricos como Inglaterra e Alemanha, Japão e Espanha também têm no futebol uma paixão nacional; e ainda podemos citar a Nigéria, Arábia Saudita e Argentina, só ficar em poucos exemplos, onde o futebol também é o esporte de preferência nacional. Para se ter uma ideia da dimensão do futebol, no Canadá ele foi introduzido antes mesmo que a legislação, pelos imigrantes escoceses. E existem hoje mais países filiados à Federação

Internacional de Futebol (FIFA), com 211, do que à Organização das Nações Unidas (ONU), com 193.

Diferentes historiadores atribuem o surgimento do chamado “futebol primitivo” a civilizações espalhadas por diversas partes do mundo. Richard Giulianotti (2002), citando pesquisadores de culturas distintas, apresenta dados curiosos. Na América Central são encontrados importantes vestígios de jogos realizados pelos Maias. Do mesmo modo, em regiões do Amazonas, algumas tribos indígenas pareciam realizar rituais com características encontradas nos jogos conhecidos por nós. Na Grécia Antiga ou na China também há registros de atividades com características comuns aos jogos envolvendo uso de elementos similares à bola, ou regras e objetivos semelhantes aos do futebol de hoje. Já na Idade Média, o espírito carnavalesco de brincadeiras no meio da rua se incorporou aos jogos disputados entre aldeias e cidades rivais. Eram disputados jogos entre paróquias, entre solteiros contra casados, entre os aprendizes que comemoravam sua ascensão à guilda (as associações de artesãos medievais); ou seja, era uma espécie de ritos de passagem.

O que chamamos de futebol moderno tem suas origens na elite inglesa do final do século XIX. Quando falamos de futebol moderno, estamos nos referindo às regras do futebol, pois, como exposto no parágrafo acima, um jogo com construções simbólicas análogas ao que chamamos de futebol já existia em diferentes partes do mundo. Algumas das noções que o esporte pretendia transmitir aos seus jovens e novos cavalheiros eram liderança, lealdade e disciplina. O futebol era praticado, em grande parte, por estudantes ricos, e foi se popularizando com o passar do tempo.

Neste ponto, acreditamos ser conveniente o estudo do conceito de circularidade cultural, de Carlo Ginzburg, citado por Vainfas (1997), segundo o qual uma cultura pode surgir em uma determinada camada social, interagir com outras camadas, e a partir de então circular entre elas e se reinventar a partir do seus próprios valores e condições de vida. Sendo assim:

A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Mas a cultura popular se define também, de outro lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. É a propósito desta dinâmica entre os níveis culturais popular e erudito — já que também a cultura letrada filtra à sua moda os elementos da cultura popular —, que Carlo Ginzburg propõe o conceito de circularidade cultural. (VAINFAS, 1997, p. 225)

Então, ainda que o futebol moderno tenha surgido no seio de uma elite, ele entra em contato com os populares, principalmente os trabalhadores das empresas inglesas, ressignifica-se, populariza-se e se expande de tal forma a se tornar o esporte mais popular do planeta – verificamos a conversão de um esporte de elite num produto de massa. Os trabalhadores das fábricas inglesas não só foram responsáveis pela popularização do futebol como também pela sua disseminação, ao emigrarem para várias partes do planeta a trabalho; enormes ondas de imigrantes europeus estavam chegando em vários países (Giulianotti, 2002).

As regras do futebol foram criadas a fim de organizar as disputas nos colégios e, mais tarde, as competições no Reino Unido. Ainda hoje, as regras elaboradas pela FIFA têm seu escopo baseado naquelas regras criadas em 1863 pela então *Football Association*. Uma das explicações para o futebol se expandir tão rapidamente e para sua fácil penetração nas camadas populares está na questão da simplicidade na compreensão das regras do jogo, além da necessidade de pouco material – qualquer chinelo se transforma em traves ou luva de goleiros, qualquer pedra pode ser a baliza do gol, qualquer tanto de meia ou latinha se transformam em bola, qualquer terreno baldio se transforma em campo. Não à toa, o futebol no Brasil terá seu romantismo na várzea.

O futebol moderno, é senso comum, chega ao Brasil por meio de Charles Miller, jovem de família abastada que, estudando na Inglaterra, entrou em contato com o esporte, e retornando ao Brasil em 1894 trouxe na bagagem bolas, chuteiras e as regras, introduzindo assim o novo futebol em terras *brasilis*. Porém, cabe ressaltar que o futebol já era conhecido no país, inclusive os colégios jesuítas do período da colonização já faziam uso da modalidade nas atividades físicas, bem como o Colégio Pedro II.

No Brasil, desde os tempos da Colônia, existiam colégios jesuítas, e foi provavelmente através deles que chegaram as primeiras bolas de futebol e se realizaram os primeiros jogos. [...] ainda não havia clubes, campeonatos e entidades, mas o esporte praticado já era o futebol moderno segundo o modelo inglês. No Colégio São Luiz, o futebol era praticado desde 1880, quando bolas vindas da Europa furavam eram substituídas por bexigas de boi [...]. Outro exemplo da presença do futebol em escolas, embora não religiosas, pode ser observado no regulamento de 1892 do Colégio Pedro II, renomado na época. (MELO, 2000, p. 19).

Uma outra possibilidade para a popularização do futebol, menos discutida, é que Charles Miller, não encontrando jogadores suficiente para as partidas, convidou operários das fábricas inglesas para compor os times, principalmente os trabalhadores da *São Paulo Railway* (MELO, 2000).

Conceito importante que aqui trabalharemos, à luz do futebol, para dar embasamento teórico a nosso estudo, é o de identidade. Para Virginia Inácio dos Santos (2000), identidade é relacional, marcada pela diferença, depende de algo fora dela para existir, de outra identidade que não a dela, diferente. Assim, a identidade é um processo pelo qual uma pessoa se reconhece e constrói laços de afinidade, formas como o indivíduo ou grupos se reconhecem ao mesmo tempo como elemento distinto e unificador.

Numa Copa do Mundo, percebemos a dimensão da mobilização dos torcedores ao redor do globo, ruas decoradas, cantos em saudação à sua seleção, patriotismo e civismo como nunca antes na sociedade e que, sim, podem sumir com o término do mundial. Quando dizemos ao redor do globo é para deixar claro que isso não é um acontecimento exclusivo do povo brasileiro, torcedores de outros países se comportam de forma parecida. De quatro em quatro anos, observamos uma ritualização das identidades nacionais, bandeiras e hinos como seus símbolos máximos. O inegável poder simbólico que o futebol foi adquirindo no país passou a fazer parte da vida e da cultura do brasileiro, servindo como identificador cultural e, ao lado do carnaval, passa a ser um dos fenômenos nacionais.

O futebol faz parte do imaginário do povo brasileiro. É uma paixão nacional. Mesmo aqueles e aquelas que não gostam deste esporte, de alguma forma, têm as suas vidas afetadas por ele. Podemos perceber isso com clareza ao analisarmos os momentos da realização das Copas do Mundo, quando o país tem grande mobilização popular, com ruas pintadas e com a paralisação de muitas atividades econômicas, durante os jogos da seleção brasileira. Além disto, o futebol é uma das partes que formam, de certa maneira, o tripé dos símbolos da cultura brasileira no exterior: futebol, samba e carnaval. (RIBEIRO, 2021, p. 29)

O conceito identidade vem sempre acompanhado de outro conceito importante para o nosso estudo, que é o de rivalidade, ou seja, para se entender como se forja a construção da identidade de determinando time em seu território, será preciso entender as rivalidades existentes entre os grupos. Na rivalidade entre as torcidas encontram-se fatores geográficos, históricos, sociais e culturais. Se fôssemos nos embrenhar pelo conceito marxista poderíamos inicialmente dizer que seriam os capitalistas x proletários, e seguir sua lógica binária. Houve um considerável aumento do interesse das camadas operárias, uma multidão das classes trabalhadoras em torno do futebol, o que evidenciou uma nova cultura urbana.

Faremos um breve prospecto para situar nossos leitores. Em *Glasgow* temos o irlandês católico *Celtic* contra o protestante *Rangers*, e sua rivalidade não se resumia apenas à religião, mas também à questão política; os católicos eram a favor da independência em relação à Rainha,

os protestantes eram a favor da subordinação. Na Índia, tropas inglesas *versus* adversários locais. Na África colonial, os soldados *versus* brancos que trabalhavam como colonos – os negros estavam segregados. Em Camarões, colonos franceses *versus* elite africana. Na África do Sul, apesar do controle por uma elite branca, o futebol se espalhou entre as classes trabalhadoras com a ajuda do exército colonial. Na Iugoslávia, o *Dínamo Zagreb* da Croácia e o *Estrela Belgrado* da Sérvia vivenciaram uma partida tumultuada em 1990.

No Rio da Prata, que também sobre influência de trabalhadores ingleses, temos na Argentina o *River Plate*, o *Rosario Central*, fundado por trabalhadores da estação ferroviária, em oposição ao *Newell's Old Boys*, fundado por estudantes; além de *Racing* e *Independiente*, representantes do bairro de *Avellaneda*. No Uruguai, os trabalhadores ferroviários ingleses fundam o *Peñarol* e os estudantes da burguesia local fundam seu rival *Nacional*, para defender a tradição hispânica. Em Montevidéu, o bairro do Cerro será representado por *Cerro* e por *Rampla Juniors*. Em termos de rivalidade, existe a local, entre esses times, às vezes até mesmo entre clubes representando bairros, e a regional, entre os dois citados países.

No Brasil, o popularizado Flamengo terá como rival o aristocrático Fluminense; em Belo Horizonte, a elite de imigrantes italianos fundará o Cruzeiro, ao passo que as classes populares, o Atlético Mineiro. No Paraguai, *Cerro Portenho* é o de torcida de trabalhadores, o *Olímpia* representa a classe alta de Assunção. No Peru, o time negro do *Alianza Lima* contra o time branco *Universitário*. No Oriente Médio, os clubes de Israel surgem de facções políticas rivais: o esquerdista *Hapoel*, que tem a foice e o martelo como símbolos, e o tradicional *Maccabi*, que ostenta a Estrela de Davi. Em Istambul, o famoso *Galatasaray* representa a aristocracia; os *Besiktas*, o proletariado; e o *Fernehahce*, a classe média. Na Grécia, destacam-se como representante da esquerda o *AEK Athens*; o *Panathinaikos* representa os ricos; e *Olimpiakos* é o time da classe operária.

Na Alemanha, o rico *Bayern de Munique* em oposição ao *Schalke 04*. Na Itália, os ricos *Juventus* e *Milan* em oposição aos populares *Fiorentina* e *Nápoli*. Em regiões da Itália, o *Fiorentina* representa também o centro cultural, enquanto o *Roma* representa o centro administrativo; o *Juventus*, o centro industrial; o *Milan*, o financeiro. Na França, o hoje milionário *Paris Saint Germain* em oposição aos pequenos *Lens* ou *Auxerre*. Em Londres, o *Arsenal*, aristocrático, *versus* o novo rico de investimento judeu *Tottenham*. Em Manchester, num primeiro momento, o *United* teve investimento dos ricos, e o *City* teve apoio do povo.

Na Espanha, tem-se o etnonacionalismo e sua política separatista representados nas identidades da Catalunha, região situada no meio do Mediterrâneo com cultura e língua

próprias, a rivalizar com o poder político vindo da capital Madri, presente nos clubes de futebol. *Barcelona* e *Athletic de Bilbao* representam os separatistas, enquanto o *Real Madri*, time do ditador Francisco Franco, representa a realeza madrilenha. (GIULIANOTTI, 2002; PEINADO, 2017; FRANCO JUNIOR, 2014).

Do antagonismo etnonacionalista para as rivalidades internacionais, no Reino Unido temos a Escócia *versus* Inglaterra. Alemanha e Holanda fazem o jogo do ressentimento, que guarda mágoas tanto da ocupação alemã durante a II Guerra, como da final do Copa do Mundo de 1974. A Alemanha também é rival da França: o Mundial de 1982 ainda vive na memória dos franceses, por conta das provocações do goleiro alemão a um jogador francês durante uma partida. Nos Bálcãs, Bulgária *versus* Romênia, e Grécia *versus* Turquia. Honduras contra El Salvador, na América Central. Na América do Sul, a rivalidade mais notável ocorreu na Bacia da Prata, como já exposto, Argentina e Uruguai assumiam esse protagonismo. Com a ascensão do Brasil, a Argentina encontrou outro rival.

Para finalizar esta etapa, não poderíamos deixar de mencionar as oposições menos beligerantes da Ásia, onde China, Japão e Coreia do Sul apresentam uma rivalidade, digamos, mais saudável (GIULIANOTTI, 2002; PEINADO, 2017).

A discussão das oposições binárias do futebol ajuda a explicar como as identidades sociais são construídas na maior parte das sociedades, salvo nas novas culturas esportivas orientais. [...] A industrialização, a urbanização, a rápida mobilidade social e geográfica e divisões de trabalho mais complexas desintegram a vida comunitária e as identidades sociais estabelecidas nas sociedades tradicionais pré-industriais. Todavia, o esporte pode restaurar muito esse dano social, intensificando os vínculos culturais e a integração social de diferentes indivíduos dentro das sociedades modernas. (GIULIANOTTI, 2002, p. 31)

Verificamos então que a migração de trabalhadores ingleses para o mundo, logo após a revolução industrial, e especialmente graças à difusão das ferrovias, contribuiu com a disseminação do futebol pelos quatro cantos do planeta. E as rivalidades surgem em bairros, espalham-se em cidades, territórios, regiões, nações, às vezes com características religiosas, econômicas, políticas, por fim sociais. Dentro desses espaços territoriais, são forjadas as identidades culturais e geográficas que se estabelecem a partir de uma certa oposição que se tornará uma rivalidade.

O futebol fornece uma espécie de mapa cultural, com representações simbólicas, incluindo manifestações religiosas e seus rituais, antes, durante e depois do jogo: terços, rezas, preces, velas servem para ajudar na torcida. Entretanto, ainda dentro do conceito de

circularidade cultural, a influência inglesa permaneceu com palavras do seu idioma no mundo futebolístico, a exemplo de *corner*, pênalti, gol, *hooligan*, *fair-play*, algumas já incorporadas ou adaptadas à língua portuguesa, outras ainda utilizadas na forma original.

3.2 Futebol e política entram em campo juntos

A inclusão da temática futebol não se deu apenas pela busca da “razão”, mas, fundamentalmente, pela nossa percepção sobre emoções provocadas nos espaços e tempos cotidianos da escola, que tantas vezes se alteram com os sentidos que são disputados em outros campos, oficiais ou não. [...] A professora começou a ler as notícias do jornal, criando, a partir daí, uma prática que foi transformando o Jornal dos Sports no texto alfabetizador. Pela primeira vez, a professora conseguiu dar sentido à aprendizagem da leitura e da escrita, que, até aquele momento, não existia para as crianças. “O Zico driblou o zagueiro” tornou-se, então, mais relevante do que “o vovô viu a uva”. (CARRANO, 2000, p.8)

O futebol, ao mesmo tempo que desperta paixões em alguns, suscita desprezo em outros, que o associam, e não sem razão, a uma certa alienação social das massas, que podem ser facilmente ludibriadas por políticas de “pão e circo” – ou mesmo considerado como ópio do povo, “percepção que ganhou força principalmente a partir dos trabalhos produzidos pelos pensadores ligados à Escola de Frankfurt” (COUTO, 2014, p.22). No Brasil, temos na figura de Getúlio Vargas um político que entendeu a potência que era o futebol, como um amálgama para solidificar a identidade nacional. Além de outros aspectos culturais, Vargas reconheceu que o futebol poderia, naquele momento da História nacional em que havia grande fragmentação regional, forjar um espírito verdadeiramente brasileiro. Exemplo disso é o episódio de 1919, ocorrido logo após a conquista do Campeonato Sulamericano, quando os jogadores da Seleção Canarinho foram nomeados por jornalistas da Argentina como “macaquitos”, o que revoltou brasileiros de norte a sul, não importando se eram baianos, mineiros, paulistas, cariocas, nortistas ou sulistas; houve muita indignação com aquelas palavras.

Uma querela jornalística provocada pelo uso da expressão *macaquitos* para se dirigir aos jogadores brasileiros e por extensão a toda nação provocou uma mudança de sentimentos, instaurando uma rivalidade futebolística e por extensão de nacionalidade [...]. A rivalidade instaurada com os argentinos reforçou a valorização da mestiçagem como símbolo de nossa singularidade. (CAMPOS, 2014, p.13)

O mito da democracia racial de Gilberto Freyre ia sendo consolidado com a valorização da mestiçagem dos nossos jogadores (CAMPOS, 2014), assim como o conceito de homem cordial, trabalhado em *Raízes do Brasil* por Sérgio Buarque de Holanda, era associado ao futebol capoeirista, malabarista e dionisíaco (FRANCO JUNIOR, 2014). Um ideal de conciliação racial, com elogios a essa mestiçagem, ia sendo moldado no Brasil da Era Vargas, e o futebol tornou-se uma via para o ideal de legitimação da democracia racial.

Com esse potencial de cunho nacionalista e identitário em torno do futebol, não foi à toa que Vargas anunciou o salário mínimo e a criação da Justiça do Trabalho no estádio vascaíno de São Januário, em um feriado de Primeiro de Maio. O simbolismo presente ao desfilar em carro aberto pelo estádio está na aproximação política com o povo, usando o futebol a seu favor.

Episódio mais marcante envolvendo futebol e política no Brasil pode ser apontado no período da ditadura empresarial-militar. Para os grupos radicais de esquerda, os generais em cargos de presidentes utilizaram sem constrangimentos a imagem da tricampeã Seleção Brasileira e seu espectro de vencedora como fatores para alienação e desmobilização das massas (COUTO, 2014, p. 117), além de tentar calar a população que comemorava e se esquecia de protestar:

De modo geral, a sociedade não se empolgaria pela luta armada. Os ecos das comemorações pelos gols marcados no México, pela seleção tricampeã mundial, ressoariam mais altos e cobririam os gritos que estavam nas câmaras de torturas da Oban e dos DOI-CODIs. (REIS, 2004 *apud* COUTO, 2014, p. 118)

Seguindo uma linha diferente desta, mas sem de maneira alguma desconsiderar a sua preocupação, nosso estudo vai na direção contrária. Tentaremos demonstrar que, ainda que tenha sido apropriada por governos fascistas e ditatoriais – tanto como por democratas, a exemplo de João Goulart e Juscelino Kubitschek –, o futebol, em sua rebeldia contestadora, como nos dribles dos jogadores brasileiros, também se mostrou importante eco de descontentamento e insatisfação com os governos e/ou com algumas políticas adotadas. Em certos episódios, foi até mesmo o palco para essas representações, a voz de uma população que se revoltava. Sobre o futebol brasileiro, Mason (citado por Giulianotti) escreveu: “em algumas ocasiões, os clubes de futebol foram organizações de vanguarda para promover a democratização do Brasil” (MASON, 1995 *apud* GIULIANOTTI, 2002, p. 32). Ou seja, o futebol também pode ser utilizado pelas massas para protestar contra suas elites dominantes, o que ocorre também ao nível mundial:

Os torcedores do futebol escocês nos jogos internacionais expressam sua oposição aos governos conservadores profundamente impopulares, escolhidos principalmente pelos eleitores ingleses. Na África do Sul, no auge do *Apartheid*, o futebol forneceu um dos poucos caminhos legais pelos quais os africanos puderam se organizar para debater e contestar seu *status* marginal. Quando a Romênia classificou-se para a Copa do Mundo de 1990, vencendo a Dinamarca em Bucareste, os torcedores estenderam as comemorações, que rapidamente transformaram-se em protestos antigovernamentais e tumultos. Ceausescu não conseguiu reprimir esses sentimentos em uma manifestação pública, e foi deposto logo depois. Na América do Sul, o futebol foi um dos primeiros fóruns de protesto para os paraguaios durante o reinado de Stroessner. No norte da África, o estádio de futebol é uma arena privilegiada para a disseminação e expressão do protesto político ou da revolta, particularmente entre os jovens. (GIULIANOTTI, 2002, p. 33)

O futebol pode se mostrar uma importante arma na luta pela democracia, tanto quanto um importante aliado em sala de aula enquanto caminho de acesso aos estudantes. Concordando com GIULIANOTTI (2002), também percebemos um certo desdém intelectualista quando se utiliza a expressão latina da política do “pão e circo” (*panem et circenses*, atribuída ao romano Juvenal), deixando transparecer um desprezo pelas próprias massas.

Na História lecionada na educação básica, referente ao período republicano, encontramos dois intervalos que são denominados de ditaduras. O primeiro é conhecido como ditadura do Estado Novo, que vigorou de 1937 até 1945 e teve como articulador o presidente Getúlio Dornelles Vargas. Já a chamada ditadura empresarial-militar é a que se instalou no ano de 1964 e durou até 1985. No intervalo entre uma e outra, experenciamos um curto espaço de democracia, conhecido como República Populista. Durante todo esse período, o futebol esteve presente na política nacional, seja nas ditaduras, seja na democracia. O futebol se tornou um importante espaço de interlocução entre governo e governados, e ocorreu uma verdadeira apropriação tanto social como política em torno da Seleção Brasileira, que teve sua imagem exaustivamente explorada pelos respectivos governos.

Durante o governo Vargas aconteceu a Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, em plena ascensão do regime fascista de Benito Mussolini. Mussolini também fez muito uso da imagem da sua seleção, a *Azzurra*, para mobilizar as massas; a seleção anfitriã conquistou o mundial e foi utilizada como difusora das ideologias oficiais, reforçando sentimentos nacionalistas. O Brasil, com uma apresentação bastante inexpressiva nesse Mundial, vivia os dramas da problemática que envolvia o futebol, entre o amadorismo e a profissionalização. Uma verdadeira luta de classes: os amadores eram os burgueses, e muitos não aceitavam negros ou pobres em seus clubes; por outro lado, a profissionalização seria a possibilidade desta classe

pobre jogar futebol nas Ligas. Um amadorismo elitista *versus* uma democratização popular, o que deixa transparecer o reflexo de questões sociais, econômicas e políticas, que explodiam no país. Vários clubes fecharam seus departamentos de futebol, pois “não tinha graça inglês apanhar de preto” (SANTOS, 1981, p. 18).

Essa rixa entre o amadorismo e a profissionalização explode no país dez anos antes da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), expondo a forte questão social e trabalhista de então. A profissionalização acaba ocorrendo mais por questões econômicas que ideológicas, era uma forma de o governo controlar o futebol. Viver do futebol virou uma opção para os meninos negros e pobres, a exemplo de Fausto do Santos, o Maravilha Negra, que se destacou no Clube de Regatas Vasco da Gama. Polêmico, ele foi considerado o primeiro proletário consciente do futebol brasileiro e, com isso, trouxe à tona uma velha discussão no Brasil, a de que futebol não deve se misturar com política (SANTOS, 1981).

Na Copa de 1938, realizada na França, a *Azurra* levanta novamente a taça; Mussolini se aproveita para tentar emplacar a sua ideia de superioridade do fascismo sobre as democracias e sobre o socialismo. Nesse evento, destaque para o nosso Diamante Negro, o inventor da bicicleta, Leônidas da Silva, primeiro jogador brasileiro com *status* de celebridade semelhante a Orlando Silva, o cantor das multidões, e ao próprio presidente Getúlio Vargas, conhecido na época como o pai dos pobres. “O Brasil estava sendo reconhecido internacionalmente como o país de pretos que jogam futebol, com uma nova forma de jogar, um jogar à brasileira. Na década de 30 [...] o futebol se tornou esporte popular, de massa, e ao se tornar popular se tornou também nacional” (SANTOS, 1981, p.45). A população preferia assistir aos jogos profissionais em vez dos amadores.

O rádio entra na vida dos brasileiros, e passa a ser consumido com o futebol pelos torcedores. Vargas também entende esse potencial e dialoga com as massas tendo o rádio como aliado e o futebol como potencializador. Sem o rádio, não se pode conceber a popularização do futebol, a idolatria que ele gerou (SANTOS, 1981, p. 54). Tendo o rádio como um dos símbolos da propaganda varguista e como um instrumento de controle social, por meio da censura, e lembrando que nesse período a grande maioria dos brasileiros era analfabeta, a linguagem oral facilitava a comunicação. Ouvir jogos de forma coletiva se tornou uma experiência que aproximou os brasileiros, inclusive na construção da própria identidade nacional. O projeto de nação tomava forma, e valores como patriotismo, coletividade, disciplina, utilizados nos jogos, ganhavam o país. A raça e a garra do brasileiro eram mostrados mundo afora.

Com a popularização dos esportes que ocorreu principalmente a partir da década de 1920 e 1930, o rádio, cuja primeira transmissão no Brasil foi feita em 1823, se transformou em um importante meio de comunicação que realizava uma ponte entre os trabalhadores e as transmissões esportivas. Nesta mesma época, o futebol começa a ganhar espaço como um esporte popular, visto que antes era algo praticado apenas pelas elites. O rádio sempre foi um elemento da imprensa bastante utilizado por Vargas para conseguir uma maior aproximação com a população. A partir da década de 1930, sobretudo com o advento do Mundial de 1938, o futebol adquiriu grande popularidade e apreço entre os brasileiros. (ZAGO, 2019, p. 16)

Ao contrário do presidente Epitácio Pessoa, Getúlio Vargas enxerga como positiva a presença de negros no selecionado brasileiro, o que registrava a ideia de democracia racial e reforçava um sentimento de nacionalismo. Destaque-se que a Copa de 1938 foi a primeira a ser transmitida pelo rádio.

Com a eclosão da II Guerra Mundial (1939-1945), houve um compasso de espera de doze anos para que os mundiais voltassem a acontecer. Com uma Europa destroçada pelos conflitos, a sede escolhida para realização do próximo Mundial, de 1950, foi o Brasil – a América do Sul não havia sofrido territorialmente com a guerra. O sentimento de nacionalidade experimentado pelo futebol realizado em terras *brasilis* era coletivo, o brasileiro respirava futebol e muitos se sentiam representados naquele selecionado de negros e pobres que faziam sucesso. O Maracanã foi erguido como o principal palco para essa festa, que, entretanto, não teve o desfecho desejado. Com o luto vivido pelo “Maracanaço” – como ficou conhecida a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950, em pleno Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro – o futebol acaba se consolidando como um elemento de identidade nacional. O sofrimento coletivo aumentou a paixão dos brasileiros pelo esporte que nos aproximou na dor. A Seleção deixa de usar o uniforme branco e, já na Copa de 1954, será conhecida como Seleção Canarinho, em decorrência da cor amarela do seu uniforme.

No governo de Juscelino Kubitschek, o país conquista seu primeiro mundial, a Copa do Mundo da Suécia, em 1958. O presidente também se apropriou da imagem da Seleção Brasileira de Futebol para fazer política, e se aproximou do povo a ponto de trocar ministros sem causar alvoroços. João Goulart, o Jango, que substituiu Jânio Quadros sua renúncia, era o presidente no período da Copa de 1962, realizada no Chile, onde o Brasil se sagra bicampeão mundial. Uma onda de patriotismo invade o país, os presidentes, democráticos ou não, se deram conta do poder que o futebol tinha para viabilizar um diálogo com o povo. Nesse contexto histórico e político, o presidencialismo vence o plebiscito. Imagens de políticos eram constantemente atreladas ao futebol. Receber os jogadores após as conquistas se transformou em verdadeiros comícios

políticos e ufanistas. Parte da esquerda nacional enxergava nesse movimento um verdadeiro processo de alienação coletiva.

Com o golpe de Estado articulado por setores da sociedade civil empresarial e militar, Jango foi deposto e instaura-se no Brasil uma forte repressão estatal. O futebol na era do Condor⁵ também sofrerá fortemente essa intervenção.

Mundialmente estávamos vivenciando o que ficou conhecido historicamente como Guerra Fria, a bipolarização do mundo em dois polos, o capitalista, sob a tutela dos EUA, e o socialista, com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. Assim, o primeiro viés que a Seleção Canarinho presenciou foi o cancelamento de uma partida amistosa contra a seleção da União Soviética, pois o golpe impôs ao Brasil o alinhamento incondicional de sua política externa aos Estados Unidos.

Se teve um governo que se apropriou do futebol como um espaço de interlocução política (COUTO, 2014), esse governo foi o militar, capitalizando formas ideológicas da Seleção Brasileira para sua propaganda estatal. Para além de uma apropriação social do futebol utilizado como instrumento de manipulação das massas, legitimando-o como símbolo de identidade nacional – exaustivamente veiculado por Vargas, observa-se agora uma apropriação política da Seleção Brasileira como instrumento de propaganda ideológica da ditadura, com uma certa exploração comercial.

Com o regime ocorre também a militarização da Seleção: a comissão técnica passa a ser composta por vários militares, o jogador passa a ser visto como um soldado que, disciplinado e obediente, cumpre em campo as regras de seus superiores; seu corpo passa a ter um rígido controle, no sentido dado por Foucault:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1987, p. 163)

O que salta aos olhos nesse período é que, apesar de toda essa capitalização do esporte pelo governo, o técnico da Seleção para as eliminatórias da Copa de 1970 no México foi o jornalista João Saldanha, o “João Sem Medo”, apelido dado por Nelson Rodrigues. Dentro desse *ethos* autoritário (COUTO, 2014), o time tinha um comandante que se declarava

⁵ Referência à Operação Condor, “uma megaofensiva da ultradireita de vários países sul-americanos para eliminar os inimigos, sob os auspícios da Cia” (PEINADO, 2017, p.135).

abertamente de esquerda, comunista, amigo pessoal de Carlos Marighella. O técnico era uma figura emblemática que via no futebol, além de uma arte popular, o nosso exaltado “futebol-arte”, em contraponto ao “futebol-força” europeu; um terreno de luta, a arte, a garra e a audácia de lutar para sobreviver. Saldanha desafiou o regime em seu campo quando não cedeu às pressões do então presidente militar Emílio Garrastazu Médici, que pedia a convocação do atacante Dario, do Atlético Mineiro, o Dadá Maravilha. Conta-se que Saldanha respondeu: “Quando ele [Médici] formou o Ministério não me pediu opinião. Por isso não quero a opinião dele na hora de eu formar o meu time” (ALBUQUERQUE, 2020, s.p.).

Com seu histórico de luta e participação em atividades contrárias aos ideais do então governo militar, Saldanha foi sacado da Seleção, e em seu lugar assumiu Mário Jorge Lobo Zagallo, afinado com o regime. Conservador tanto na política como no futebol, Zagallo saiu triunfante da Copa do México em 1970, com o tricampeonato brasileiro moldado por seu antecessor. “A escolha de Zagallo, então técnico do Botafogo, homem enquadrado ao regime, como substituto de Saldanha no comando técnico da seleção evidencia a preocupação dos militares com a canalização política da Copa do México” (COUTO, 2014, p.150).

A utilização política do futebol durante essa Copa foi a maior já vista na história canarina. A Seleção era tão importante na vida do brasileiro que o governo criou a Loteria Esportiva como forma de angariar fundos para financiá-la, bem como organizaram o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971. O potencial comunicativo do futebol não podia ser negligenciado. Vale ressaltar que a preparação para a Copa do Mundo de 1970 recebeu todo um aparato que incluía treinamentos físicos esportivos, médicos fisiologistas, especialistas em medicina esportiva e, sobretudo, um rigoroso estudo para a adaptação dos atletas à altitude e ao clima na região. Tais inovações técnicas, com regras rígidas e um processo árduo de racionalização, eram símbolos caros ao regime, ficando conhecidas como “planejamento México” (MAGALHÃES, 2010).

Os militares se esbaldaram na imagem da seleção campeã, utilizando agora as transmissões televisivas, que estavam em processo de popularização no país – fruto talvez do tão alardeado milagre econômico. Eram produzidos incessantes comerciais televisivos exaltando o sucesso do Brasil na Copa. A televisão foi para o regime militar o que o rádio havia sido na Era Vargas: a via de comunicação com as massas. A de 1970 foi a primeira Copa transmitida ao vivo para boa parte do mundo. Para parcela considerável da esquerda brasileira, torcer para a Seleção era o mesmo que compactuar com o regime. Entretanto, entendemos que

o futebol fazia parte da nossa identidade e não do regime, de modo que a condenação deveria ser feita ao uso da imagem da Seleção pelo governo e não ao futebol propriamente dito.

Contudo há no imaginário político brasileiro uma tradição historiográfica que relaciona, de forma imediatista, o futebol ao sistema de propaganda de massa organizado pelos militares para legitimar suas ideologias. Essa visão, construída na academia e disseminada pelo senso comum, é remanescente do discurso político difundido pelos grupos radicais de esquerda durante as décadas de 1960-1970. Tais grupos acreditavam que todos os instrumentos utilizados pela propaganda dos militares eram, em potencial, fatores de alienação política das massas. [...] A sedimentação da tradição futebol como ópio do povo acabou por inibir a possibilidade de se estudar o esporte das multidões com a devida profundidade, [...] com isso a maior parte da produção historiográfica e sociológica dedicado ao futebol no período da ditadura militar desprezou o campo futebolístico como esfera significativa para a compreensão das manifestações de oposição e/ou resistência surgidas no decorrer desse período. (COUTO, 2014, p. 117-118)

Ainda sobre a reação da esquerda, comenta Magalhães:

Nesse contexto, o caso da oposição política ao regime durante a Copa merece ser mencionada. Parte dela na clandestinidade e no exílio, parte nos porões de tortura ou no silêncio pelo medo, a oposição dividiu-se sobre que atitude tomar. A associação entre ditadura e futebol e o uso feito pelo regime do evento levou-a a refletir acerca do próprio ato de torcer. Para alguns, naquela situação particular, vibrar com os craques era o mesmo que compactuar com o regime. (MAGALHÃES, 2010, p. 69)

A canção *Pra Frente Brasil*, de autoria do publicitário Miguel Gustavo, foi utilizada como propagando pelo regime:

Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração.
 Todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a seleção!
 De repente é aquela corrente pra frente.
 Parece que todo o Brasil deu a mão.
 Todos ligados na mesma emoção.
 Tudo é um só coração.
 Todos juntos vamos, pra frente Brasil.
 Brasil, salve a seleção!
 (PRA FRENTE BRASIL, 1970)

A canção “invade” o país e, em contrapartida, também se torna uma música de repulsa para os opositores do governo. Os anos de chumbo iam sendo mascarados com o uso da imagem do futebol.

José Miguel Wisnik tem uma visão diferente sobre esse assunto, conforme explica neste trecho de entrevista:

Aquela seleção em campo não era a ditadura, ela era o povo brasileiro [...]. Uma coisa é a propaganda que a ditadura faz com base no sucesso da seleção, outra coisa [...] é a longa história do povo brasileiro que está desembocando ali, um país escravista e mestiço [...]. Os escravos foram abandonados a sua própria sorte, até hoje há injustiça [...], essa desigualdade que é social, que é racial, é uma história do país que é uma história de injustiça [...]. No entanto, é no campo de futebol que esses descendentes de escravos reverteram simbolicamente essa situação, na música popular e no futebol, que são as maiores conquistas do país que se fizeram através de duas escolas informais [...]. O povo brasileiro criou isso [...], é a maior criação da história do povo brasileiro, revertendo sua história de injustiça e criando simbolicamente [...] aquela Copa de 70, justamente quem estava em campo não era a ditadura. (FUTEBOL..., 2011, informação verbal)

A Argentina também teria sua seleção, campeã do torneio em casa em 1978, utilizada como propaganda por seus generais. Esta foi uma Copa marcada por denúncias de compra de resultados, da qual o Brasil saiu se sentindo como campeã moral.

Assim, os brasileiros voltaram para casa sem nenhuma derrota, mas somente com o terceiro lugar, após vencer a Itália por 2X1, o técnico Cláudio Coutinho fez questão de declarar que o Brasil era o campeão moral do torneio. Nessa guerra do futebol, quando os regimes autoritários não hesitam em intervir nas seleções de seu país para ganhar, os militares argentinos formam os vencedores. (MAGALHÃES, 2010, p.107)

Um destaque para nós brasileiros foram as emblemáticas comemorações de gol do jogador Reinaldo, atacante do Atlético Mineiro, com o pulso erguido e fechado. O símbolo remetia ao gesto dos Panteras Negras – grupo marxista norte-americano – e que já havia sido visto nas Olimpíadas da Cidade do México, em 1968, realizado pelos atletas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos, ambos do atletismo.

Erguer o punho se tornou um ato revolucionário e Reinaldo tinha noção disso. O jogador foi excluído da seleção, tendo sido em seu lugar escalado Roberto Dinamite, atacante do Vasco da Gama. Aquele era um gesto que dizia muito e que, transmitido ao vivo para o mundo, repercutia a política terrorista que pairava sobre a América do Sul. A própria escolha da Argentina para sede da Copa já havia causado indignação ao redor do mundo, por conta das notícias de torturas e assassinatos políticos no país. O holandês “Johan Crujff desistiu de participar do torneio, em um mundo ávido por jogadores que se comprometessem politicamente contra a ditadura, o gesto foi interpretado como uma tomada de posição.” (PEINADO, 2017, p. 83)

No Brasil, estudantes mineiros faziam faixas perguntando: por que Reinaldo não pode ter opinião política?

Em Belo Horizonte, principal reduto da torcida atleticana, os estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais, utilizando um instrumento de expressão política bastante comum na época, imprimiram seu protesto nos muros da própria instituição de ensino: "Por que Reinaldo não pode ter opinião política?" (REVISTA MOVIMENTO, 1978, p. 20 *apud* MORAIS, 2021, s.p.)

Imagem 1 – Página 20 da Revista Movimento



Se jogador é para jogar futebol, então o que é que os cartolas estão fazendo na política?

A tentativa do presidente da CBD, Heloisa Nunes - de curtar o jogador Reinaldo da seleção brasileira deixou claro, mais uma vez, que no mundo do futebol, os cartolas não gostam de jogadores que têm e expressam, suas opiniões sobre política. Não foram poucas cartolas que, nesta polémica provocada pelo caso Reinaldo, manifestaram-se a favor do que o jogador se limitou a jogar futebol, deixando de lado a política. De outro lado, no entanto, apesar dessa certa a participação do jogador na política, os cartolas usam e abusam do futebol como trampolim para a política, e começam pelo próprio Heloisa Nunes, como mostra o jornalista Celso Kinjo nesta matéria escrita especialmente para Movimento.



Se há cartola envolvido em matéria de jogo político, esse cartola é o presidente Osvaldo Teixeira Duarte, de Portuguesa de Desportos de São Paulo. Eleito para o cargo com um programa de conclusão do exigido esportivo - incluindo estádio de futebol, Duarte mobilizou os associados com todos os recursos a mão, lapinhas nas costas, pedidas de doação de material para obras, visitas de porta em porta. O expediente deu certo, tal certo que, tempos depois, ele era eleito vencedor, consequência natural de seu intenso trabalho propagandístico. Estão posteadas dar um pulado gato, fechando seus gabinetes - no clube e na Câmara Municipal - e qualquer pleitear que viesse solicitar algum tipo de ajuda. Resultado: em 1976, pleiteando a reeleição, o presidente da Portuguesa foi surpreendentemente derrotado, não conseguindo sequer uma suplência por seu partido, a Arena. Culpa, é óbvio, daquele pedaço de gato, pois seus eleitores, os mesmos que aceitaram a política de clientela por ele instaurada no Clube, os mesmos que se fustigam a cada temporada com os brancos do time de futebol, esses eleitores não aceitaram a mudança unilateral nos muros do jogo. E comprovando que o futebol é bom trampolim para uma carreira política, mas não sustenta cartolas insensíveis ou apenas oportunistas, Osvaldo Teixeira Duarte não vai tentar concorrer às eleições de novembro, para deputado estadual. Na verdade, ele vem se mantendo na presidência da Portuguesa à custa de arbitrárias alterações nos estatutos - e essas mudanças também vão causar um desgaste político considerável, comprometendo qualquer presença eleitoral.

Duarte é atrevido e se deu mal. Mas foi, também, prejudicado pela postura do torcedor de futebol, que vem se fustigando cada vez mais e deixando-se enganar cada vez menos, um aparente paradoxo cujas raízes estão instaladas no seu próprio dia-a-dia. Afinal, cidadão brasileiro que trabalha e tenta sobreviver, o torcedor acumulou bastante nos últimos anos - até porque o título não tem estatúdos que ele pode se manifestar. Fora esse seu limite, a coisa muda de figura - e pouco vale ter as declarações de Paulo Maracajá, dirigente do Bahia, em favor da Arena e do governo, em termos de sensibilizar o torcedor-eleitor. O cartola, em última análise, é autoridade como outra qualquer, e só o bônus de dinheiro prometido pode funcionar em termos eleitorais. Não é por outra razão que, oportunista até o limite, Maracajá procura apoiar entre os atleticanos o nome de Heloisa Nunes para transferir, para si, as simpatias que o torcedor sente por Baitão, Luis Adriano ou Fani, este último adquirido ao Flamengo por um milhão e meio de cruzeiros numa evidente jogada eleitoral. Vencedor da Arena, em plena campanha

para deputado estadual, o cartola basiano tem investido muito dinheiro nos - seus garçons de salão, e muito dinheiro no clube - para comprar jogadores que, a curto prazo, representam impacto favorável junto à torcida, otimizando suas chances nas eleições de novembro. O uso abusivo dos ídolos, que assim se transformam em inventos típicos de seus pressmidos parres, tem diminuído aos últimos anos. Tendo recebido nível e maior consciência de seu valor junto à massa, o craque já se recusa a servir de escada para o cartola. Em 1978, Vanderlei e Tuta, atletas da Ponte Preta, não aceitaram comparecer a um comício do presidente Lauro Moraes, que se candidatava a prefeito de Campinas. O próprio time titular, inclusive, recusou-se a distribuir brindes antes do início das partidas pelo Campeonato Brasileiro. Não resistiu outra saída, seu presidente senão a de tentar seduzir a torcida por via direta. E, para uma vitória em São Paulo, numa quarta-feira de 19 de novembro, Lauro Moraes ofereceu 10 milhões a disposição de - a saída, com direito a lance. A torcida - deixou o favor, claro, mas não tomou conhecimento do troco no dia 16, o candidato recebeu uma votação inesperada, colocando-se em quarto lugar, atrás mesmo de um outro candidato da Arena.

O exemplo mais vivo dessa utilização do futebol como arma política é o do próprio presidente da CBD, almirante Heloisa Nunes, que acumula o cargo de presidente da Arena de Rio de Janeiro. Manipulando autointeressadamente todo o futebol profissional brasileiro, Heloisa Nunes consertou a façanha de excluir, do Campeonato Brasileiro de 1978, o representante de Brasília, que não teve eleições municipais por ser distrito federal. Neste ano eleitoral, o número de participantes eleitorais - a 72 - atingindo-se equipes sem a mínima condições competitivas - Pelotas, Itaboraí e Campina Grande são exemplos típicos. A nível regional, os dirigentes de federações se articulam para ajustar a moeda do futebol aos interesses de poder - no caso, do partido oficial. Em São Paulo, o supervisor Cláudio Casullo, da Federação Paulista, presidiu candidato a deputado, operando alucinantemente nos bastidores, apoiado pelo ex-deputado João Mendonça Falcão, para comprometer cidades do interior em sua campanha. O sistema é tradicional, baseado na exigência de determinada quantidade de votos, no região, para que a clube local seja favorecido. Como a Federação

usando os ídolos, enganando a torcida e manipulando as verbas dos times e das federações, os cartolas usam o futebol como trampolim para a política a começar pelo próprio presidente da CBD que também é presidente da Arena do Rio

Depois da repercussão e reação da imprensa nacional e dos torcedores diante da tentativa do almirante Heloisa Nunes, presidente da CBD e Arena do Estado do Rio, de abandonar o cargo de Reinaldo da Seleção Brasileira, é possível que agora o almirante ministro não seja mais favorecido, mesmo que os demais membros da CBD queiram, inconformados e preocupados com o problema de jogador atleticano, o presidente do clube Almirante Valdir Ferreira, se deslocou até o Rio para um encontro com o presidente da CBD e tirar satisfações sobre certas insubordinações que vêm surgindo em torno de Reinaldo.

Durante o encontro Heloisa Nunes, ao contrário do que havia declarado dias antes, falou ao presidente do Atlético que não estaria nada sobre possível corte de Reinaldo, disse que ele é um gênio e que é impossível a solução. Também o chefe de delegação brasileira que excursionava pela Europa, André Richter, se sentiu na obrigação de garantir que em nenhum momento foi cogitado o desligamento de Reinaldo da seleção por causa de suas declarações políticas a favor da anistia e formação de uma Assembleia Nacional de Constituição, do voto direto para a presidência da República e por uma maior distribuição da renda, declarações que ganharam destaque até mesmo na imprensa europeia.

O fato é que agora muitos o comportamento dos dirigentes da seleção diante de Reinaldo devido a repercussão de caso, que ganhou até as universidades, como aconteceu durante o oitavo aniversário em Belo Horizonte, onde estudantes da Universidade Católica chegaram a fazer murais mostrando repetidamente o nome do caso. Alguns universitários chegaram também a escrever nos muros de cartões frases como "abaxa a repressão, Reinaldo na seleção", ou "por que Reinaldo não pode ter opinião política?".

Mas a reviravolta do pensamento de certos dirigentes da CBD sobre o jogador talvez possa ser explicada como explícito e ru-

nas contratações - já isso, como a de Garrucha, em 1977, que soubo mostrar o futebol, mas vagueou muito pelo interior, participando de comícios do presidente do Clube. Erano, talvez, tempos também, pois o nome de Garrucha surgiu um carisma indiscutível - e o erro do cartola não tinha atingido limites absolutamente insuperáveis. De qualquer maneira, até o início da década, quando finalmente foi decretado em eleições concordatárias no Corinthians, Vadi H. não habitou-se a exercer suas responsabilidades de jogador no time - e Rivelino, em começo de carreira, chegou a parecer ao seu lado. A esta altura, o aspecto Heli mostrou sua infra-estrutura eleitoral, reeditando-se em 1974 sem se utilizar de máquinas eletrônicas. E foi essa separação, decretada, que levou a mergulhar no mundo oficial da política, sem considerar os se torcedores do time - que ele já não mais presidia - para receber bem suas manifestações. Vadi Heli teve ativa participação nos agitados que culminaram com a morte do jornalista Vladimir Herzog, desmembrado na Assembleia Legislativa, a existência de apostos comunistas na TV Cultura.

Nas próximas eleições de novembro, o futebol estará sendo mais uma vez utilizado pelo Agreste.

GO DO PARTIDO DE VIDA DOS TRABALHADORES, LEI, ASSINE E DIVULGUE MOVIMENTO, EM DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E DA ELEVA-

mentarista rapinista e escritor Roberto Drummond no jornal Estado de Minas. Em sua coluna diária, sob o título "o dia", Roberto comentou: "É se eu disser a você que a Comissão Têxtil e de Papel de Reinaldo está criando um perfil e estreitando esse perfil com bandeira de Invenção poder junta ao torcedor de futebol brasileiro? E se eu disser a você que eu estou defendendo a anistia, eleições diretas, etc. que salve a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a você que, sem fim a esta lista de Reinaldo em Movimento e a repercussão da entrevista agora, Reinaldo estaria quieto, sem nada, e certo, na anistia? E se eu disser a você que os líderes do partido de Almirante Heloisa Nunes chegaram a conclusão de que, se Reinaldo for eleito, a esta altura, se transformara na grande bandeira do partido da oposição em todo o Brasil?"

Por sua vez, o pai de Reinaldo, Mario de Lima, disse em declarações prestadas à imprensa anistia e a Movimento, que o opinião de Reinaldo foi sempre e que o resultado não pode ficar indiferente aos problemas do povo "semos fixo muito mais com a opinião pública".

Se eu sobrevive ao lugar de Reinaldo, Mario de Lima, disse em declarações prestadas à imprensa anistia e a Movimento, que o resultado não pode ficar indiferente aos problemas do povo "semos fixo muito mais com a opinião pública".

Com o que também concordou o vitorioso do mineiro Flávio, do BHN, ex-jogador da seleção brasileira de futebol nas últimas Olimpíadas, que também é presidente da Associação de Carreiros e Têxtil Profissional de Minas, ACATP. afirmou Flávio que se ficar quieto e não quiser pensar de dirigente da CBD que tenha preferência por Reinaldo, a associação tomará medidas sobre o caso, Alonís Moraes.

"Por que Reinaldo não pode ter opinião política?"
(frase escrita nos muros da Universidade Católica de Minas)

Fonte: Revista Movimento, 1978, n° 145, p. 20 *apud* MORAIS, 2021, s.p.

Esse tipo de situação também foi recorrente em outras partes do mundo: no Chile, o atacante Carlos Caszely, do Colo-Colo, foi vetado na Copa de 1978 e na Copa América de 1983, por ser declaradamente de esquerda. No evento em que o ditador chileno Augusto Pinochet receberia a delegação que partiria em viagem para um jogo eliminatório em Moscou, Caszely não estendeu a mão para cumprimentá-lo, ato que ficou conhecido como o gesto de todos os tempos, narrado pelo jornalista uruguaio Victor Hugo Morales (PEINADO, 2017). Seu jogo de despedida se tornou um ato político contra a ditadura chilena. Nessa partida a torcida gritava contra Pinochet, e foi observado o futebol como instrumento de combate:

Nesse ambiente, o atacante decide mostrar sem rodeios a Augusto Pinochet o que pensa a seu respeito. O general recebia a seleção nacional, que iria viajar a Moscou, onde jogaria a partida mais politizada de toda a História. O objetivo de Caszely era demonstrar seu desprezo pelo general [...]. Contra Pinochet não jogaria com os pés, haveria de desafiá-lo com as mãos. “Pinochet não era bobo, já sabia que eu não ia cumprimentá-lo, então passou diante da equipe e todos lhe davam a mão, mas eu fiquei com as minhas nas costas, passou por mim e deu um meio sorriso. Houve outras recepções e eu nunca estendi a mão a ele.” (PEINADO, 2017, p. 122-123)

Na Espanha, destaque para o jogador Iker Sarriegi, que se formou em direito, foi preso político, um revolucionário de esquerda, um nacionalista basco que ficou conhecido como o jogador que atou no ETA (Pátria Basca e Liberdade)⁶. O futebol espanhol se sobressai quando relacionamos lutas políticas e futebol. Com um longo histórico separatista e nacionalista, alguns times se destacam nessa empreitada: *Real Sociedad*, que era um verdadeiro caldeirão sociopolítico; o *Athletic de Bilbao*, um representante do nacionalismo basco; e o Barcelona, que se posicionou contra o governo franquista e buscava a separação da região da Catalunha. Durante o governo Franco, bandeiras nacionalistas eram aceitas nos estádios, mas não a bandeira basca, por ser considerada separatista.

⁶ Por País Basco entendemos a região que compreende parte da Espanha e parte da França, de cerca de vinte mil quilômetros quadrados e com cerca de três milhões de habitantes, cujo objetivo é a reunificação de territórios que antes pertenciam ao povo basco e sua independência, ancorada na justificativa das diferenças culturais em relação à Espanha: “O grupo separatista *Euskadi ta Askatasuna* (ETA), cujo nome em português pode ser traduzido como Pátria Basca e Liberdade, surgiu em 1959 através de um pequeno contingente de jovens que resolveu se rebelar contra o regime autocrático de Francisco Franco, por intermédio da política e da luta armada. Nesse âmbito, salienta-se que no País Basco existem diversos grupos reivindicantes da independência, sobretudo partidos políticos como o *Eusko Askartasuna* (Solidariedade Basca), o *Aralar*, entre outros”. (VILAS BOAS, 2017, p. 84)

Não obstante, é válido ressaltar o viés ideológico e nacionalista presente no futebol espanhol. Além do caso do Athletic de Bilbao, existem outras situações nas quais um clube representa o ideal de um povo. Exemplo nítido é o Barcelona, símbolo da população catalã desde sua origem até os tempos hodiernos. De modo semelhante ao País Basco, a Catalunha também reivindica sua independência e possui um idioma próprio. (TUÑÓN; BREY, 2012 *apud* VILAS BOAS, 2017, p. 86)

Na Itália, por sua vez, destaque para Cristiano Lucarelli, de Livorno, cidade símbolo da esquerda no país, cuja torcida entoava a canção *Bella Ciao* nos jogos. Sempre que fazia um gol, comemorava com a “curva local”, onde a torcida de esquerda assistia aos jogos com cartazes de denúncias das mais diversas. Aquela arquibancada conversava com o estádio e mandava mensagens sociais e políticas durante as partidas. Também a torcida do clube alemão *Sankt Pauli* agrega esquerdistas com forte consciência social, que durante as partidas levam as mais variadas bandeiras contra as várias formas de opressão na sociedade. Seu principal jogador, Volker Ippig, entrava em campo com o punho erguido.

Na Argentina, o desaparecimento de opositores ideológicos era constante. Cláudio Tamburrini, goleiro do *Club Atlético Almagro*, foi sequestrado pela Junta Militar, pelo motivo de estudar filosofia e ser militante de esquerda. Outro jogador de destaque foi Ángel Cappa, do Bahía Blanca, que lutou contra a ditadura em seu país e era visto como elemento subversivo em sua cidade, tendo sido obrigado a se mudar para a capital Buenos Aires, e depois para a Espanha (PEINADO, 2017).

Percebe-se que o sistema se esmera em criar um modelo exemplar de jogador, bem-sucedido mas alienado, e que não se envolva com política, pois certos posicionamentos políticos de jogadores ao redor do planeta incomodam quem comanda o mundo dos esportes. Isso, entretanto, não impediu que o futebol contra-atacasse.

3.3 Democracia Corinthiana: um chapéu dentro da área do regime militar

Com a chegada de João Goulart à presidência do Brasil em 1961, após renúncia do então presidente Jânio Quadros, setores conservadores como Forças Armadas e empresariado ficaram em estado de alerta. Jango já havia enfrentado resistência desses grupos desde quando foi Ministro do Trabalho no governo de Getúlio Vargas, entre 1951 e 1954, acusado de agitador comunista por defender os trabalhadores e o aumento de 100% do salário mínimo. Assim, forças sociais nacionais, com o apoio de multinacionais, criaram o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), com o objetivo de intervir no Estado e manter a ordem econômica capitalista.

Após o golpe de 1964, os ipesianos – como foram chamados os integrantes do IPES – passaram a ocupar cada vez mais cargos na Administração Pública e nas empresas estatais, fortalecendo o capitalismo e consolidando sua classe no poder. Assim, o Estado passou a assumir tarefas para atender às necessidades do capital internacional e, principalmente, para garantir a subordinação da classe trabalhadora.

Por esse motivo, neste estudo usaremos o termo “ditadura empresarial-militar”, respeitando os estudos de Elaine Bortone (2015), que mapeou os civis que transitaram pelo governo presidido pelos militares. Esses civis eram os empresários, banqueiros, tecnoempresários, profissionais de diversas áreas que ocupavam não só cargos de ministros, mas também cargos administrativos.

Com o golpe de Estado, em 1º de abril de 1964, foi implantada uma ditadura que estava a serviço do grande capital. A composição militar-empresarial controlou em definitivo as rédeas da máquina gerencial-estatal, “erigindo um formidável aparato de Estado para sustentar seu monopólio do poder” (ALVES, 2005, p.31). O bloco no poder, isto é, a fração de classe liderada pelo IPES, não se estabeleceu apenas no aparelho dominante, mas também em todos os aparelhos do estado, tornando-se a sede privilegiada dos interesses hegemônicos. Grande quantidade de associados e parceiros do IPES ocupou cargos chaves nos ministérios, na estrutura administrativa, nas autarquias, nas empresas estatais, nas de economia mista e nas fundações. (BORTONE, 2015, p.6)

Dito isto, voltemos à nossa pesquisa. Consolidado o golpe de 1964 pelos militares e empresários, o Brasil experimenta um dos seus piores estágios de governo, com censura, perseguições, torturas, mortes, desaparecimentos, violações dos direitos humanos, crise, inflação. E, em meio a tudo isso, a Copa de 1970 no México, com o Brasil sendo o primeiro tricampeão da história das copas.

No Brasil, uma experiência democrática em plena ditadura chamará a atenção. Como sabemos, o futebol tornou-se um importante palco para embates políticos, apesar de uma certa despolitização da categoria dos jogadores, levando-se em consideração a origem social da maioria deles. O futebol abrirá uma fenda na armadura do regime empresarial-militar. A liberdade *versus* autoritarismo será posta em xeque na experiência da Democracia Corinthiana.

Por Democracia Corinthiana entende-se um movimento liderado pelos jogadores Sócrates, Wladimir e Casagrande, que buscou alcançar relações mais democráticas dentro do Sport Club Corinthians Paulista, e colocar fim à administração chamada de paternalista, herdada de Vicente Matheus, presidente do clube. Assim, todos que participavam do clube poderiam

opinar; o voto do roupeiro tinha o mesmo peso que o voto de um gerente administrativo. Tudo passa a ser decidido em conjunto – viagens, concentrações, contratações:

Para Sócrates, o objetivo era questionar toda a relação trabalhista do mundo do futebol e da vida dos atletas. Mas a proposta ia além: era também preciso propor soluções e formas de mudar as relações dominantes. O jogador deveria ser mais do que simples mão de obra, ele deveria participar das decisões do clube e do time, de maneira democrática, com o mesmo poder que o técnico, o diretor etc. (MAGALHÃES, 2010, p. 75)

A Democracia Corinthiana nasceu na esteira do movimento das Diretas Já, e não se restringiu ao Parque São Jorge, sede do Corinthians. Como o futebol tem uma forte comunicação com as massas, ele ultrapassou as quatro linhas do campo, ultrapassou os limites esportivos, chegou às arquibancadas, e de lá saiu para as ruas. Era comum ver nos uniformes do clube mensagens pró-democracia, a favor das eleições diretas para governador – que não aconteciam desde 1964, e voltariam a ocorrer em 1982. A torcida também se manifestou com faixas e cartazes saudando a democracia, pedindo anistia geral e irrestrita aos presos políticos e o fim da ditadura.

A democracia corinthiana esteve intimamente ligada ao processo de abertura política do Brasil após anos de um regime militar cruel com seus opositores e dissidentes. Os jogadores filiaram-se a partidos de acordo com suas convicções políticas e tiveram participação ativa em movimentos como as *Diretas Já*, cuja proposta de eleições diretas foi rejeitada pelo Congresso Nacional em 1984. Nos vestiários, os atletas discutiam mais política que futebol. (SÓCRATES; GUZZI, 2002, p. 28)

Percebemos a Democracia Corinthiana como um movimento coletivo que balançou as velhas estruturas e pensamentos sobre o futebol, pôs em xeque o paternalismo administrativo dos dirigentes cartolas, questionou e problematizou a questão do profissionalismo, levantou a bandeira da necessidade de conscientização política dos jogadores – até então tratados como simples peões, sem capacidade de participar de decisões importantes para os seus clubes. Os jogadores queriam ser tratados como profissionais e cidadãos. Cabe ressaltar que o Corinthians também viveu sua ditadura interna, com o folclórico e já citado Vicente Matheus se perpetuando no poder. A Democracia Corinthiana acabou se tornando um alerta para toda a sociedade. A Seleção Canarinho de 1982 sentiu os ventos da mudança, nela já não se viam mais as garras do militarismo no futebol.

Mas como se deu o processo de democratização dentro do Corinthians? Em campo, a equipe não ia nada bem, sendo constantemente eliminada nas primeiras fases das competições

de que participava. Internamente, em 1981 haveria eleições para presidente. Vicente Matheus, que ocupava o cargo ininterruptamente desde 1972, não conseguiria mais driblar os estatutos para se candidatar novamente, de modo que indicou seu vice, Waldemar Pires, para presidente, em cuja chapa o próprio Vicente Matheus seria vice-presidente. Obviamente, a intenção era de que Waldemar não passasse de um testa-de-ferro, uma marionete. Contrariando o esperado, Waldemar surpreendeu e delegou poderes à sua comissão, ato impensável durante os governos de Vicente Matheus, que administrava de forma centralizadora. Com a indicação do sociólogo Adilson Monteiro Alves para diretor de futebol, iniciou-se o processo do movimento Democracia Corinthiana.

O bom encontro entre Adilson Monteiro e o grupo de atletas mudaria a história do Corinthians e, por extensão, a do futebol brasileiro. Ao invés de reeditar uma estrada tantas vezes percorrida rumo à pirâmide hierárquica, aquele jovem e ousado diretor, vestindo jeans e usando barba, propunha-se suprimir a distância entre dirigentes e dirigidos, assegurar o livre debate de ideias e instalar o círculo democrático através do qual, em conjunto, todos os envolvidos começavam a esboçar os contornos da nova geometria do poder. (FLORENZANO, 2010, p.180)

Artistas, pessoas públicas, torcedores do Timão aderiram à campanha. A cantora Rita Lee, o jornalista Juca Kfourri e o publicitário Washington Olivetto foram os que mais se destacaram. A propósito, o termo Democracia Corinthiana foi cunhado por esta dupla de jornalista e publicitário, este último tendo inclusive assumido o *marketing* do clube. Nesse período, o uso de publicidade nos uniformes havia sido liberado; contudo, o Corinthians não se limitou a propagandas comerciais, e passou a fazer uso desse espaço para fins sociais, com frases de politização. Eram mensagens sociais e políticas, tais como, “dia 15, vote” ou “Democracia Corinthiana”. Os militares reagiram, alegando que o espaço não poderia ser utilizado para fins políticos. Vários jogos do Corinthians eram transmitidos ao vivo para todo o país e o alcance dessas mensagens poderia ser perigoso. Com isso, percebemos que o alcance do movimento Democracia Corinthiana extrapolou o campo esportivo; o futebol como um *locus* social apresentava resultado.

Sócrates, um dos principais nomes do movimento, ao saber que a proposta de emenda constitucional conhecida como “emenda Dante de Oliveira”, que propunha eleições diretas para presidente, fora derrotada no Congresso, deixou o país e foi jogar no clube *Fiorentina*, da Itália. Nas eleições seguintes para presidência do clube, Adilson Monteiro foi derrotado e o clube voltou ao patamar anterior de administração.

Mas a saída de Sócrates e a mudança na diretoria do clube, com a derrota de Adílson Monteiro Alves nas eleições de 1984, foram um duro golpe para o movimento, que não resistiu. O Corinthians retornou à estrutura anterior, autoritária e patriarcal, nos velhos moldes dos “cartolas” do futebol brasileiro, que prevalece ainda hoje. (MAGALHÃES, 2010, p. 78)

No entanto, a semente da experiência do movimento da Democracia Corinthiana fez e entrou para a história, não só do futebol, mas também do país. Apesar de sua curta duração, duas temporadas, o movimento que se instalou no Parque São Jorge foi um verdadeiro “chapéu” dentro da pequena área do regime empresarial-militar, driblando a estrutura paternalista e centralizadora que dominava o futebol brasileiro, além de ter sido um “gol de placa”, ao se fazer perceber como uma democracia dentro de um regime autoritário. Identificamos também como houve uma maior importância midiática para a fala de alguns jogadores. A voz do atleta passa a ser valorizada; o jogador de futebol, que sempre foi considerado alienado e despolitizado, expande seu espaço. É certo que esses jogadores também foram considerados “jogadores problemas” por parte da mídia conservadora, clubes e autoridades.

A Democracia Corinthiana representou o desejo de votar para presidente, o desejo de que eleições diretas fossem realizadas, o desejo de liberdade, de mudança e de transformação. Um grito de liberdade que estava entalado na garganta e então pode sair, como acontece em um gol tão desejado e comemorado.

4 DRIBLANDO AS ADVERSIDADES

A toda hora rola uma história / que é preciso estar atento.

(Paulinho da Viola, “Rumo dos ventos”)

Relembrando a canção de Gil e Mautner: como professor de história “sou parte do problema”, mas também faço parte dos grupos que procuram soluções. E as soluções do ensino de história convergem no ato de garantir que ele ocorra bem, como experiência gratificante para professores e alunos.

(SILVA; FONSECA, 2011, p. 130)

Lecionando há mais de 22 anos, com experiência na educação básica e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ensino noturno e diurno, rede estadual e municipal, zona rural e zona urbana, periferia e escolas do centro da cidade, vivenciei, em todas as unidades escolares em que atuei, o futebol como assunto constante nessas salas de aula, de modo que sempre mantive uma relação de proximidade com meus alunos e alunas por conta desse nosso relacionamento com o futebol.

Em uma escola da zona rural em que trabalhei por dois anos, o Centro Educacional Eurípedes Peri Rosa, localizado no povoado de Bate-Pé, no município de Vitória da Conquista, a diretora pediu à equipe de professoras que desenvolvesse atividades interessantes nas aulas de quarta-feira à noite, pois era imensa a evasão por conta dos jogos de futebol, que eram transmitidos no mesmo horário. No entanto, isso nada resolveu: ao aproximar-se o horário dos jogos, havia uma debandada. O futebol era importante na vida desses alunos.

Outra experiência interessante que vivi foi em 2018, quando do cancelamento da final da Copa Libertadores da América entre os times argentinos do *River Plate* e *Boca Juniors*. Na segunda partida, que seria realizada na Argentina, no estádio Monumental, houve registros de agressões aos jogadores do *Boca Juniors* por parte da torcida do *River Plate*, motivo pelo qual a partida foi adiada e direcionada para outro continente. Assim, por questões de segurança, o jogo foi realizado em 09 de dezembro, no estádio “neutro” *Santiago Bernabéu*, do Real Madri, na Espanha. Meus alunos e alunas, acompanhando as notícias do episódio, também se questionaram por que a final de uma competição cujo nome era em homenagem aos “libertadores da América” seria realizada justamente num país que tinha sido o colonizador da Argentina? Conversando sobre isso no início da aula, eles me propuseram fazer uma atividade trabalhando os nomes desses libertadores, a história da competição e a sua relação com a

colonização. O tema não estava diretamente relacionado ao nosso conteúdo no momento, mas o interesse das alunas e alunos foi tamanho que não pude recusar. Fizemos uma espécie de minisseminário, atividade que foi basicamente toda elaborada pelos estudantes, eu apenas mediei a apresentação. A adesão foi total.

Uma outra experiência bem marcante foi uma discussão sobre a participação das mulheres nas arquibancadas de futebol. O debate teve origem no caso da jovem iraniana Sahar Khodayari, que ateou fogo ao próprio corpo após saber que passaria seis meses na prisão por ter tentando entrar no estádio vestida de homem, já que naquele país a entrada de mulheres em jogos de futebol é proibida. Khodayari, que ficou conhecida como a garota azul, por conta do uniforme do seu time, tirou a própria vida em 09 de setembro de 2019, após ser denunciada. Essa discussão tomou conta da aula e sensibilizou os discentes.

Com estas e outras experiências, reconheci o poder do futebol enquanto tema para mobilizar a atenção dos estudantes para a aula de História. Resolvi começar minhas aulas sempre levando um acontecimento relacionado a esse esporte, seja envolvendo jogador, torcida, clube, seleção ou campeonato, para “dar o pontapé” inicial nas aulas.

Por esse motivo, meu objeto de pesquisa e proposta de produto para este mestrado profissional foi o uso do futebol como elemento mediador para as aulas de História. O ProfHistória mostrou-se um local interessante para a troca de experiências didáticas, tornando possível, por meio do seu repositório, a disponibilização de diversas reflexões sobre as pesquisas do ensino de História.

4.1 Uma proposta de intervenção do ensino de História através de lances do mundo do futebol para ganhar o jogo

Como determina a literatura sobre metodologia científica, o tema escolhido para a pesquisa deve levar em consideração principalmente a sua atualidade e relevância:

A escolha do tema de uma pesquisa deverá levar em conta sua atualidade e relevância, o conhecimento a respeito, a preferência e a aptidão pessoal do pesquisador para lidar com o tema escolhido. A definição do tema pode surgir com base na sua observação do cotidiano, na vida profissional, em programas de pesquisa, em contato e relacionamento com especialistas, no feedback de pesquisas já realizadas e em estudos da literatura especializada. (PRODANOV, 2013, p. 76)

No que diz respeito à pesquisa para elaboração e à confecção do almanaque, quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada. Quanto à abordagem, ela é qualitativa; quanto ao procedimento, bibliográfica e propositiva.

Segundo a classificação de Prodanov (2013), pode-se dizer que o meio técnico de investigação está relacionado com os procedimentos seguidos pelo pesquisador dentro da sua área de conhecimento. Ao ser escolhido, o método determina o procedimento a ser utilizado na coleta de dados e informações, bem como nas suas análises. Dentro das ciências sociais, pode-se utilizar mais de um método, pois muitas vezes um único método pode não ser suficiente. Especificamente nas ciências sociais temos os seguintes métodos: o histórico, o experimental, o observacional, o comparativo, o estatístico, o clínico e o monográfico. No nosso almanaque, usaremos primordialmente o método histórico, pois:

No método histórico, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; considera que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função, pois, conforme Lakatos e Marconi (2007, p. 107), “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”. Seu estudo, visando a uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações. (PRODANOV, 2013, p. 76)

O almanaque foi construído com a coleta de textos, poemas, músicas, obras relacionadas a cada um dos tópicos, com imagens e fontes documentais, curiosidades do mundo do futebol e da política, palavras e seus significados, datas importantes e relevantes, entre outros elementos lúdicos. Por fim, há um desafio proposto para a turma, que pode ser utilizado como gancho para o conteúdo da aula. Sites e filmes são sugeridos ao final de cada tópico.

Ao final do almanaque, temos uma proposta de aula-oficina, relativa ao período do governo Vargas, relacionada à apropriação social do futebol e à utilização de seus mecanismos ideológicos por parte do grupo dominante na legitimação do seu poder.

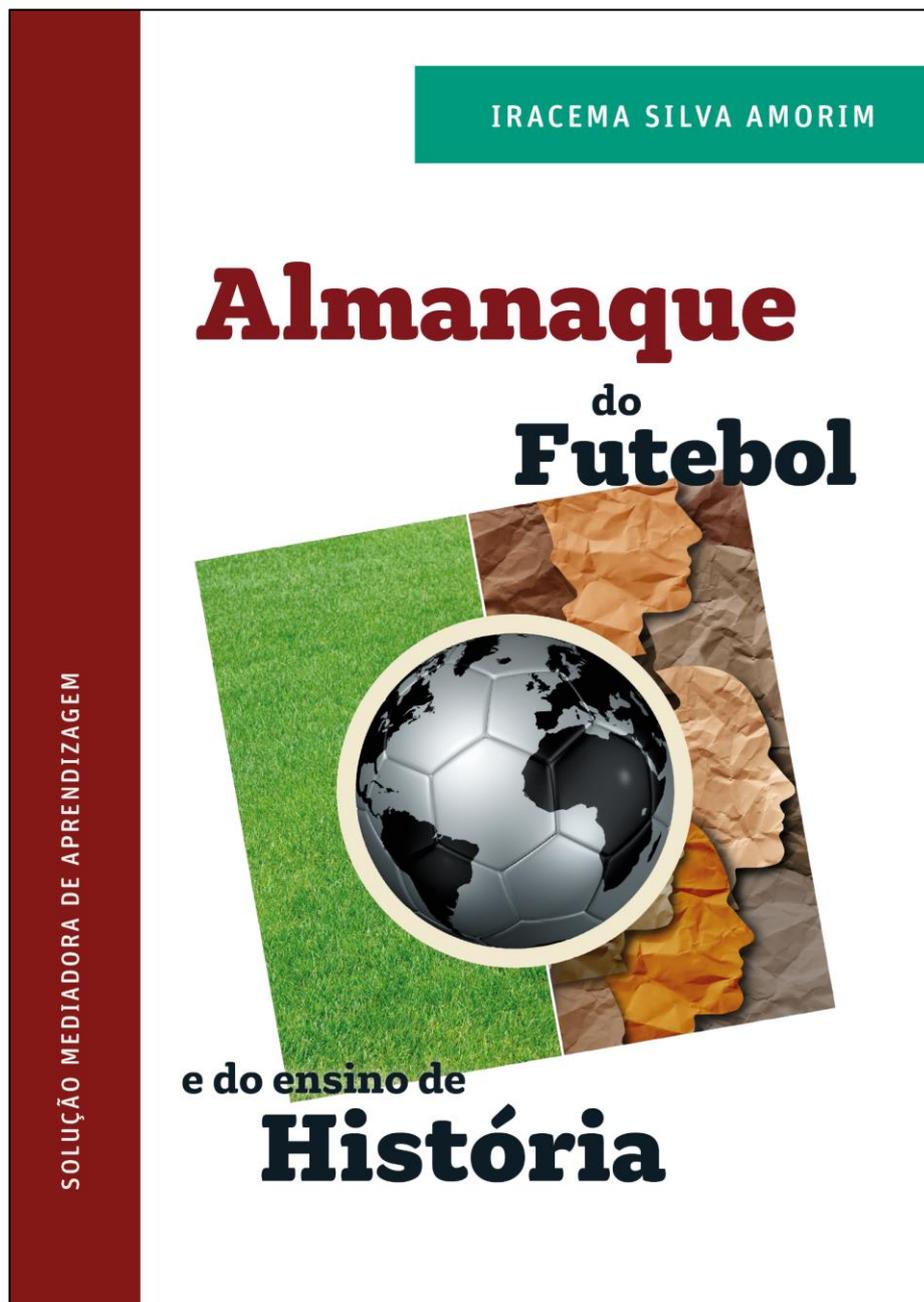
4.2 Olho no lance: Almanaque do Futebol e do Ensino de História

A coordenação do ProfHistória considera que o produto educacional seja uma atividade técnica direcionada a determinado público, associado ao processo de formação. São considerados produtos educacionais: texto dissertativo, documentário, exposição, material

didático, projeto de intervenção em escola, museu ou espaço similar, sequências didáticas, oficinas, vídeos, dentre outros (UFRJ, 2019, s.p.).

Visando à apresentação de um produto que possa ser efetivamente utilizado pelos docentes em sala de aula, de forma autônoma, como recurso didático, produzimos o “Almanaque do Futebol e do Ensino de História”, cujo conteúdo completo consta como Apêndice desta dissertação.

Imagem 2 – Capa do Almanaque do Futebol e do Ensino de História



Fonte: produzido pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, verificamos a importância de aproximar a História ensinada em sala de aula da realidade dos nossos estudantes. As motivações partiram da minha percepção de que o tema futebol me aproximava dos discentes e melhorava nossa relação. Na tentativa de dinamizar as aulas de História, o debate sobre futebol muitas vezes preparava o campo para o início das atividades, conquistando efetivamente a atenção dos discentes, além de melhorar a metodologia das aulas ministradas.

Nosso objetivo foi relacionar o uso do futebol como instrumento pedagógico nas aulas de História. O recorte temporal do conteúdo abordado no almanaque é o período político brasileiro que vai da Era Vargas (1930-1945), passando pelo período Populista (1946-1964) e aportando no período da ditadura empresarial-militar (1964-1985).

A primeira parte do estudo (que corresponde ao segundo capítulo desta dissertação) foi dedicada às questões teórico-metodológica sobre o ensino de História. Apresentamos conceitos relacionados ao ensino de História, abordando seus desafios – conceitos como o da História Pública, da Didática da História e da Educação Histórica nos foram muito caros para esse estudo. Na História Pública, as leituras realizadas tiveram como referencial as autoras Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia Rovai; da Didática Histórica, Jörn Rüsen, Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt; da Educação Histórica, Peter Lee. Essa seção teve um caráter majoritariamente teórico. A escolha e leitura desses autores e autoras se deram por suas teorias valorizarem o conhecimento prévio dos estudantes, o que dialoga com minha prática em sala de aula e com o método proposto no almanaque.

Como se pode observar, essas teorias dialogam entre si e concordam que a categoria experiência pode ser referencial para a construção da compreensão histórica em sala de aula, orientando as atividades que propiciem um ensino de História mais dinâmico e reflexivo, cujo ponto de partida seja a problematização do conhecimento histórico.

Confesso que não conhecia as referidas teorias, fui apresentada a elas no mestrado. Percebi que são muito estudadas no Programa, servindo de base à maioria das dissertações do ProfHistória, acredito que justamente pelo caráter de ressignificar a prática pedagógica, já que o mestrado é profissional e tem como premissa a elaboração de materiais pedagógicos e didáticos. Esta constatação põe em relevo a importância da formação continuada de docentes!

E, para minha felicidade, essas teorias dialogam com a minha prática profissional em sala de aula, pois sempre busquei ao máximo respeitar os conhecimentos prévios dos meus

estudantes: começo minhas aulas investigando as carências de aprendizagem (não conhecia este termo, mas já tinha esta prática), e a partir de então eu planejo as aulas – por isso essas teorias se encaixaram tão bem na minha pesquisa. E também por este motivo o objeto de minha pesquisa é o futebol, como forma de atrair os estudantes com um tema que seja de interesse da grande maioria. Em minha experiência de 22 anos de sala de aula, observei que o assunto “futebol” me aproximava dos discentes e melhorava nossa relação, de modo que sempre tentava relacioná-lo ao conteúdo a ser estudado.

Já na segunda parte da pesquisa (correspondente à terceira seção), a intenção foi relacionar os campos do futebol, da política e do ensino de História. Nesse capítulo, foram apresentadas informações sobre a história do futebol, além de serem observadas as principais relações entre eventos futebolísticos e fatos históricos. Tais relações são passíveis de serem utilizadas na elaboração de estratégias metodológicas para a apresentação e sensibilização das turmas para os assuntos a serem trabalhados em sala de aula. Os principais autores estudados foram Richard Giulianotti, Roberto DaMatta, Hilário Franco Jr., José Miguel Wisnik, Joel Rufino dos Santos, Quique Peinado, Euclides de Freitas Couto, José Paulo Florenzano e Livia Magalhães.

Nesta seção há também uma análise de como o futebol foi apropriado tanto por governos ditatoriais como por democráticos, e uma exposição de acontecimentos do mundo do futebol que podem ser explorados em aulas de História, com o objetivo de atrair a atenção dos estudantes. Durante muito tempo o futebol foi tachado como espaço de alienação. A popular frase “futebol e política não se discute”, além de ser uma frase pobre intelectualmente, pode ser analisada como uma tentativa de silenciamento, pois só se aplica para a “ala progressista”; quando é para a “ala conservadora”, a mistura dos assuntos não gera problemas.

Por fim, na terceira e última seção corresponde ao produto, o “Almanaque do Futebol e do Ensino de História”, um material didático que tem por finalidade apresentar dados históricos, conceitos, informações, reflexões e propostas de abordagem metodológica para o ensino de História, numa linguagem acessível, divertida e inspiradora. Como sugestão, o produto pode ser utilizado para elaboração de disciplinas eletivas propostas na nova BNCC. O almanaque tem como diferencial, no entanto, o fato de ser um material cujo público-alvo são professoras e também estudantes de História.

A pesquisa historiográfica realizada para a elaboração do almanaque foi muito produtiva, tanto do ponto de vista didático quanto do estudo histórico. Refletindo constantemente sobre o ensino de História e nossa prática docente, nós professoras da educação

básica nos deparamos muitas vezes com a dificuldade que é despertar o interesse dos estudantes, os quais nos sinalizam que sentem a disciplina distante de suas vidas. Sem conseguirem perceber a aplicação prática desses estudos, os alunos e alunas acabam se desestimulando. Assim, com o objetivo de ressignificar essas aulas, buscamos relacionar os conteúdos tendo como ponta de lança episódios envolvendo futebol e história.

E por que o futebol? Porque sendo considerado o esporte mais popular do planeta, faz parte do cotidiano de grande parte dos nossos estudantes. Temos a firme convicção, amparada na teoria e na prática, de que o tema futebol pode ajudar na compreensão de assuntos como regimes autoritários, ditaduras, populismo, racismo, machismo, sem deixar de problematizá-los.

O futebol como recurso pedagógico para o ensino de História já vem sendo estudado e debatido em várias instituições; não foi diferente no ProfHistória. Professoras de História da educação básica vêm buscando cada vez mais dinamizar e ressignificar as experiências pedagógicas em sala de aula, dando visibilidade aos conhecimentos prévios dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Esperamos ter contribuído para esta ressignificação.

REFERÊNCIAS

- ABRAHIM, Tarik de Almeida. Na cara do gol: usos e potencialidades pedagógicas da História do futebol para o ensino de História. Dissertação (Mestrado Profissional em História – ProfHistória), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 19-28.
- ALBUQUERQUE, Hugo. João Sem Medo e o golpe no futebol. *Jacobin Brasil*, [s.l.], 12 jul. 2020. Seção América do Sul/Perfil, subseção Esportes/Militarismo/Política. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/07/joao-sem-medo-e-o-golpe-no-futebol>. Acesso em: 25 jan. 2021. ISSN 2675-0031.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sonia. *História Pública em Debate: Patrimônio, Educação e Mediações do Passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ALMEIDA NETO, Antônio Simplício de; MELO, Paulo Eduardo. Memórias e Escritos do Ensino de História. In: MOLINA, Ana Heloísa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima (org.). *Entre Textos e Contextos: Caminhos do Ensino de História*. Curitiba: CRV, 2016. p. 17-32.
- ALVES, Rubem. Esquecer para Saber. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 maio 2011. Caderno Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1705201104.htm>. Acesso em: 11 set. 21.
- ARAÚJO, Alexandre Almeida Lima; VIEIRA, Ana Livia Bomfim. As visões historiográficas sobre o “pão e circo”: a *plebs* no contexto político-social da Roma imperial, séculos I-II d.C. *Revista Mundo Antigo*, Rio de Janeiro, ano IV, v. 4, n. 7, p. 27-47, jun. 2015.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV, 2009, Fortaleza/CE. *Anais [...]*. Fortaleza: Associação Nacional de História – Anpuh, 2009. p. 1-16. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_fcb48f9874de054cb26fd8c44faa349f.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 3. série, v. 2, p. 13-21, 2001.

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação? In: ARIAS NETO, José Miguel (org.). *Dez anos de pesquisas em ensino de História: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História*. Londrina: Atritoart, 2005. p. 115-25.

BORTONE, Eliane de Almeida. A presença de empresários do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) nas empresas estatais federais: o caso do setor financeiro (1964-1967). In: PICCOLO, Mônica (org.). *Ditaduras e Democracias no Mundo Contemporâneo: Rupturas e Continuidades*. São Luís: Editora UEMA, 2016. p. 73-101.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela. *Futebol Objeto das Ciências Humanas*. 1. ed. São Paulo: Leya, 2014.

CAMPOS, Flávio; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. *História nos dias de hoje: 9º ano*. São Paulo: Leya, 2012.

CAMPOS, Flávio *et al.* *O jogo da história: Planeta Futebol*. São Paulo: Moderna, 2002.

CARRANO, Paulo César Rodrigues (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. *Mulheres levam mais tempo e ganham menos para dirigir escolas*. CNTE, seção Educação na Mídia, [s.l.], 17 jun. 2019. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/educacao-na-midia/71831-mulheres-levam-mais-tempo-e-ganham-menos-para-dirigir-escolas>. Acesso em: 10 set. 2021.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 2014.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevir, 1997. p. 97-188.

FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Fapesp, Educ, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2017

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. *História & Ensino de História*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Futebol, Sociedade e Cultura. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela. *Futebol Objeto das Ciências Humanas*. 1. ed. São Paulo: Leya, 2014. p. 366-383.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FUTEBOL, educação e política: [discurso de] José Miguel Wisnik. YouTube, 2011. 1 vídeo (2:38). Publicado por Adriana Amorim. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tUIoo514oEU>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GAGO, Marília. Uso(s) e “utilidades” da narrativa histórica na aula: um olhar de professores acerca da aprendizagem dos estudantes. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (org.). *Aprender História: perspectivas da Educação Histórica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 175-196.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antônio da. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 60, p.13-33, 2010.

HERMETO, Miriam. Por mais sede de história: prefácio. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sonia. *História Pública em Debate: Patrimônio, Educação e Mediações do Passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. Prefácio, p. 7-10.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2002.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel. *Perspectivas em Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2001. p.13-29.

LEE, Peter. Por que aprender História? *Educar em Revista*, Curitiba, Editora UFPR, n. 42, p. 19-42, out./dez. 2011. Tradução Maria Auxiliadora Schmidt. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/25834/17271>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Educar*, Curitiba, Editora UFPR, ed. especial, p. 131-150, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/DPFPv67KqKrWcc8nXWLBftM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. (Coleção Ensino & Memória.)

MELO, Victor de Andrade. Futebol: que história é essa? In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 11-28.

MORAIS, Aloísio. Jogadores do Atlético Mineiro foram monitorados pela ditadura. Vermelho: a esquerda bem informada (portal da internet), Brasília, 28 mar. 2021. Seção Minas Gerais. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2021/03/28/jogadores-do-atletico-mineiro-foram-monitorados-pela-ditadura/>. Acesso em: 26 set. 2021.

PEINADO, Quique. *Futebol à esquerda*. São Paulo: Mundaréu, 2017.

PRA frente Brasil. Compositor: Miguel Gustavo. Letra de canção. [s.l.], 1970.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Recurso eletrônico e-book. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Heloísa Helena Baldy; ESCHER, Thiago de Aragão. *Futebol e Sociedade*. Brasília: Liber Livros, 2006.

REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFEJ, 1996.

RIBEIRO, Leo Barbosa. *Futebol e Ditadura: o futebol como recurso pedagógico no estado da ditadura civil-militar em sala de aula*. 190 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História – ProfHistória), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Tradução Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

RÜSEN, Jörn. Narração histórica: fundações, tipos, razão. In: MALERBA, Jurandir (org.). *História e narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 45-57.

SANTOS, Joel Rufino. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Virginia Inácio dos. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. *Mandrágora*, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, v. 16, n. 16, p. 115-117, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, v. 3, n. 2, p. 60-76, out 2017. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/issue/view/10264>. Acesso em: 23 set. 2021.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papirus, 2011.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. Ideias de África: Conceito Substantivo e a Consciência Histórica de Estudantes Brasileiros e Portugueses. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal/RN. *Anais [...]*. Natal: Associação Nacional de História – Anpuh, 2013. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363387661_ARQUIVO_Anpuh.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

SÓCRATES; GUZZI, Ricardo. *Democracia corinthiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História*. Estrutura do Curso (página da internet). Rio de Janeiro: UFRJ, [2019]. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/estrutura_curso. Acesso em: 15 abr. 2020.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevir, 1997. p. 189-241.

VILAS BOAS, Lucas Guedes. Geografia e Futebol: O Athletic de Bilbao e a questão Basca nos séculos XIX-XXI. *Geosaberes - Revista de Estudos Geoeducacionais*, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 81-93, Universidade Federal do Ceará, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/570>. Acesso em: 20 nov. 2021.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZAGO, Minnã. *Bola rolando: elaboração e execução da oficina de História Futebol no Estado Novo*. Dissertação (Mestrado Profissional em História – ProfHistória), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

APÊNDICE

Almanaque do Futebol e do Ensino de História